

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUANDA DE OLIVEIRA GALDINO

**A PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA PRÁTICA ESPORTIVA: UM
ESTUDO DE CASO.**

JOÃO PESSOA - PB
2011

LUANDA DE OLIVEIRA GALDINO

A PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA PRÁTICA ESPORTIVA: UM ESTUDO DE CASO.

Projeto de conclusão de curso apresentado ao curso de Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Profº Ms. Rogério Márcio Luckwü dos Santos

JOÃO PESSOA - PB
2011

G149p Galdino, Luanda de Oliveira.

*A Promoção da resiliência através da prática esportiva: um estudo de caso /
Luanda de Oliveira Galdino. -- João Pessoa: [s.n.], 2011.
70 f.*

Orientador: Rogério Márcio Luckwü dos Santos.

Monografia (Graduação) – UFPB/CCS

*1. Resiliência. 2. Fatores de proteção. 3. Psicologia esportiva. 4.
Handebol.*

BS/CCS/UFPB

CDU: 159.947.5: 796(043.2)

LUANDA DE OLIVEIRA GALDINO

A PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA PRÁTICA ESPORTIVA: UM ESTUDO DE CASO.

Projeto de conclusão de curso apresentado ao curso de Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física.

Data de defesa: _____ de _____ de _____

Resultado: _____

Banca Examinadora:

Prof. Ms. Rogério M. L. Dos Santos _____ UFPB/CCS/DEF

Nome Membro da banca Prof. (a) _____ UFPB/CCS/DEF

Nome Membro da banca Prof. (a) _____ UFPB/CCS/DEF

Dedicatória

A Deus meu pai eterno, quem me deu a força de vontade e paciência necessárias. A minha mãe, Roberta Guedes de Oliveira Maia que me deu toda a educação necessária para eu chegar até aqui e a todos os que ajudaram e incentivaram nesta pesquisa.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, energia primitiva que me deu a vida e enviou seus anjos para me auxiliarem em todos os momentos que e precisei. Quem me deu forcas para nunca desistir dos meus objetivos. Agradeço à esta força maior na qual eu nunca vou perder a fé e o amor.

Também quero agradecer ao meu orientador Rogério Márcio Luckwu dos Santos, por toda a dedicação e paciência que teve comigo ao longo desta jornada e aos meus familiares que me cobraram de forma positiva, sempre confiaram na minha capacidade e vão desfrutar comigo a alegria do fim desta etapa.

A entrevistada que, mesmo sem me conhecer, foi totalmente apta a participar da entrevista e abriu, com toda a tranqüilidade e riqueza de detalhes necessária, para todo o público interessado, o trauma que passou e a difícil história que viveu.

Finalmente agradeço a todos os amigos que me ajudaram nesta pesquisa.

RESUMO

Esse estudo tem por objetivo analisar, tendo por meio um estudo de caso, a promoção da resiliência através do meio esportivo. Participou desta pesquisa uma atleta de handebol que teve o corpo incendiado em uma tentativa de homicídio e apesar da gravidade das lesões sobreviveu. Esta atleta minimizou as seqüelas emocionais relacionadas com este incidente caracterizando desta forma a resiliência. Foi utilizada para efetivar a pesquisa uma entrevista semi-estrutura com 81 questões, elaborada especificamente para este trabalho, pelo pesquisador principal. Os resultados mostraram que o ambiente esportivo propiciou fatores de proteção inerentes ao resiliente e utilizados por este quando eventualmente se encontrou em uma situação de risco, o ajudando a superar os traumas.

Palavras Chaves: Resiliência, fatores de proteção, psicologia esportiva, handebol.

ABSTRACT

This study aims to analyze, and through a case study the promotion of resilience through the medium of sports. Participated in this research a handball player who had his body burned in a attempted murder, and despite the severity of injuries survived. This athlete played the emotional sequelae related to this incident order to characterize this resilience. Was used to effect research a semi-structured interview with 81 questions, prepared specifically for this work, the main investigator. The Results showed that environmental factors led sports protection inherent in the resilient and when used in this eventually found himself in a situation of risk, helping to overcome trauma.

Keywords: Resilience, protection factors, sports psychology, handball.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1 PSICOLOGIA ESPORTIVA	15
2.1.1 A Psicologia Esportiva em um Foco Positivista.....	17
2.2 RESILIÊNCIA: APROXIMAÇÃO CONCEITUAL	19
2.2.1 Fatores de Risco e Vulnerabilidade.....	21
2.2.2 Fatores de Proteção.....	24
2.2.2.1 Ecologia do desenvolvimento humano.....	26
2.3 ESPORTE E RESILIÊNCIA.....	28
3. METODOLOGIA.....	33
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	33
3.2 SUJEITO DA PESQUISA.....	33
3.3 INSTRUMENTO.....	34
3.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	34
3.5 ORGANIZAÇÃO E CATALOGAÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	35
3.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	35
4 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES.....	37
4.1 REDES DE APOIO: A BASE DA RESILIÊNCIA.....	37
4.1.1 Entorno Familiar.....	37
4.1.2 Entorno Social.....	38
4.1.2.1 Entorno esportivo.....	39
4.2 TRAUMA E RESILIÊNCIA.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
APÊNDICE.....	51
Apêndice A – Entrevista Semi Estruturada.....	52
Apêndice B - Termo De Consentimento Livre Esclarecido.....	65
ANEXOS.....	67
Anexo A - Certidão.....	68

1INTRODUÇÃO

Diariamente vemos e ouvimos notícias veiculadas nos diversos meios de comunicação, ressaltando o aspecto violento da sociedade e as conseqüências disto sobre os indivíduos que dela fazem parte. Um grande exemplo é o recente evento conhecido como o “massacre de Realengo”, que causou grande impacto social. Em sua nota de suicídio, o assassino aponta como uma das causas de sua atitude o bullying sofrido durante sua fase escolar. Com certeza, devemos igualmente, pensar nas conseqüências que sua atitude trará ao aspecto emocional das pessoas que a vivenciaram.

Em contrapartida, vários casos de superação e boas atitudes são igualmente noticiados. Como o caso de pessoas que mesmo nascendo em ambientes insalubres, morando em comunidades violentas, são capazes de superar os problemas do meio em que vivem e se destacar positivamente nos diversos meios sociais, quando o normal seria entrar para o mundo do tráfico e com isso perderem a vida. Ou aquelas pessoas que ao sofrerem acidentes e ficarem impossibilitadas de exercerem suas funções, canalizam suas energias para outras atividades e se destacam nas mesmas, com igual, ou maior qualidade.

É notório que vivemos em um mundo no qual a formação é influenciada por diversos fatores. Estes apresentam ao homem elementos que podem oferecer risco ou proteção a sua própria formação e o contato com tais independe de classe social. Embora na maioria das vezes a pobreza exponha bem mais as pessoas aos fatores de risco, como fome, falta de higiene, violência, má estruturação familiar e trabalho infantil, a cada dia vemos e o ouvimos exemplos de jovens de classe média alta envolvidos não só com drogas e furtos, como também a depressão e diversos outros transtornos psicológicos (MAIA e WILLIAMS, 2005).

Estas notícias nos impõem uma reflexão sobre a forma como as pessoas reagem quando em situações adversas. As atitudes vão da capacidade de superação à prática de atos completamente contrários as normas vigentes na sociedade. A final: Que fatores são necessários na formação do homem, os quais bem desenvolvidos evitariam que a maioria dos problemas citados acontecesse?

Já foi provado que um ambiente hostil, e/ou mal-estruturado independe de classe e tende a oferecer modelos negativos (criminalidade, drogas, violência)

estando o indivíduo formado em tal ambiente propício a adquirir padrões de fragilidade e vulnerabilidade ao meio e a situações que podem ocorrer durante sua vida. Sobre tal fato afirma Pinheiro (2004, p.68) que “não há uma existência humana plenamente feliz e completamente protegida das incertezas da vida”.

Essas reflexões remeteram os psicólogos a uma ampliação em sua área de atuação, pois primordialmente estes profissionais tinham seus objetivos de trabalho voltados à busca da solução ou ao menos da atenuação de antigas psicopatologias (como por exemplo, a depressão e a síndrome do pânico), mas com esta inversão de perspectiva estes tiveram que analisar os fenômenos psicológicos a partir de suas raízes. Hoje, os psicólogos então buscam compreender as características positivas que se bem desenvolvidas formam indivíduos que tanto apresentam bom convívio social quanto tem boas respostas às adversidades da vida. Esta nova perspectiva foi denominada psicologia positiva (YUNES, 2006).

A nova perspectiva desta ciência, dita como a que estuda o comportamento humano, fez com que seu foco se descentralizasse, saindo das patologias que envolvem a mente e os fatores de risco que circundam a vida do sujeito para uma busca e intervenção dos fatores protetores que alicerçam o homem. Neste contexto surge a resiliência, um conceito recente que potencializa o ramo da psicologia focado nos aspectos positivos do sujeito.

Durante o desenvolvimento da resiliência no indivíduo sintetiza fatores de risco e de proteção que agem ao mesmo tempo fomentando a resiliência como um processo dinâmico que acontece durante toda a vida.

Uma pessoa é dita resiliente quando consegue desenvolver a tendência de superar dificuldades, doenças e traumas de diversos tipos tendo como base para tal os fatores de proteção que ele adquiriu durante a vida.

Este trabalho tem por tema a análise do entrelaçamento da prática esportiva com a resiliência, pois é notória a possível inter-relação entre os benefícios que o esporte dispõe ao praticante e os conceitos que envolvem a resiliência. Vale a pena salientar que temos esta prática por sua definição dada pela Lei Desportiva de nº 9.615, que diz:

O desporto pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações:

I – desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a

hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II – desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente;

III – desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

Parágrafo único. O desporto de rendimento pode ser organizado e praticado:

I – de modo profissional, caracterizado pela remuneração pactuada em contrato formal de trabalho entre o atleta e a entidade de prática desportiva;

II – de modo não-profissional, identificado pela liberdade de prática e pela inexistência de contrato de trabalho, sendo permitido o recebimento de incentivos materiais e de patrocínio. (BRASIL, 1998, p. 14)

Os estudos encontrados que relacionam a resiliência e o esporte tem duas perspectivas as quais acompanham o que acontece com a psicologia geral (foco patológico e positivo) e a psicologia esportiva (que surgiu da prática para as universidades pela necessidade de intervir e controlar os fatores psicológicos que tem relevância no desempenho ou alto rendimento). (SANCHES, 2008), (SANCHES; RUBIO, 2010), (SILVA; LIMA, 2010), (ZOCATELI, 2010)

A primeira perspectiva esta centrada no alto rendimento e na superação de dificuldades. Essa abordagem tem o foco na necessidade do atleta de saber superar as dificuldades inerentes a sua carreira fazendo com que estas se transformem em experiências que vão lhes fazer crescer dentro da própria prática esportiva. Muitas características que os atletas adquirem do meio esportivo como o autoconceito positivo, o compromisso, o espírito de equipe, a autoeficácia são também relacionadas aos fatores de proteção necessários ao resiliente.

A segunda inter-relação entre resiliência e o esporte fala sobre a influência educacional, na formação do caráter dos praticantes. É muito divulgada a capacidade de se treinar as mais diversas qualidades durante a prática esportiva. A resiliência, neste parâmetro, pode ser um objetivo alcançado pelos desportistas por causa da capacidade educacional que tem o esporte.

Este tema a ser trabalhado, surgiu de uma conversa informal entre a orientanda e o seu orientador que tiveram em vista a ampla função social e os

benefícios psicológicos que tem a prática esportiva. Um dos pontos analisados por ambos foi analisar o fenômeno da psicologia esportiva exatamente por essa perspectiva nova que está começando a ser trabalhada. Se a mais antiga foca sua função em dar subsídios aos atletas para que controlem os fatores psicológicos que intervêm no desempenho, a deste trabalho esta voltada para o parâmetro de estudo que usa o esporte como meio para formar não só cidadãos idôneos, mas indivíduos resilientes.

Partindo desta perspectiva é notória a necessidade da inter-relação de outros campos do conhecimento da própria psicologia, no que hoje é chamado de psicologia esportiva. Para que esta se volte também a Educação Física Escolar, ao Esporte Lazer, a reabilitação de enfermos, e todos os outros meios nos quais a atividade física esta inserida analisando todas as questões psicológicas transversais a estes ambientes.

Hoje a ementa da disciplina psicologia esportiva, dentro das universidades, ainda está muito focada nos fins do esporte profissional e por isso acaba negligenciando com uma séria de outras questões abordadas pela Educação Física. Percebe-se que várias habilidades indispensáveis ao funcionamento adaptativo do ser humano como o autocontrole, a empatia, a assertividade, as relações interpessoais, a expressividade emocional, entre outras, são trabalhadas durante uma aula de Educação Física sendo este ambiente um forte fator de proteção para o ser humano

Sendo assim outros campos da psicologia geral também estariam presentes no desenvolvimento Psicologia na Esportiva como a Psicologia Social e da Psicologia da Educação por exemplo. Esta tem uma inter-relação com o esporte muito forte e que não é desenvolvida e pesquisada nos cursos de Educação Física e nas especializações desta área.

A primeira, Psicologia Social, no que tange a sua implicação do próprio treinamento, desenvolvimento, das habilidades sociais (competência social, empatia, relações interpessoais, entre outras) na educação, fato que se especifica como algo preventivo, educacional. A Psicologia da Educação tem como objeto de estudo o sujeito inserido no processo de ensino e aprendizagem e sabe-se que todos os fatores que são desenvolvidos neste (como cognição e personalidade) são trabalhados nas aulas de Educação Física.

Tentando suprir parte desta lacuna este trabalho, além de trazer uma breve inter-relação das áreas citadas no parágrafo acima, objetiva descrever o re-estabelecimento de padrões adaptados de normalidade em um indivíduo resiliente, o qual o fez com o auxílio do esporte. Entre as várias maneiras nas quais a coleta poderia se apresentar foi decidido que se faria um estudo de caso. A participante da pesquisa foi uma atleta de handebol que teve o corpo incendiado e apesar da gravidade das lesões sobreviveu.

Baseado no pressuposto que os aspectos trabalhados no ambiente esportivo como seguir regras, ter concentração, criar estratégias, saber lidar com a vitória e a derrota, com a satisfação e a frustração, ter bom convívio social, respeitar os limites do próximo, entre outros, formamos a hipótese que a prática esportiva propicia ao indivíduo fatores de proteção inerentes ao indivíduo resiliente. Esta sugeriu a seguinte questão norteadora: A prática esportiva é capaz de promover a resiliência?

Comprovando a promoção da resiliência através do esporte, esta pesquisa dá aos profissionais de interesse (psicólogos, professores de educação física, pedagogos, etc.) e a própria sociedade mais uma perspectiva pra se analisar este fenômeno e usufruir de seus benefícios com uma finalidade diferente das mais conhecidas (saúde, estética, entre outros). Dá a estes também mais uma visão do fenômeno esportivo e uma análise sobre a psicologia esportiva por um viés contrário ao corrente. A psicologia esportiva, neste parâmetro, não trabalha para a finalidade, o autotendimento, mas para a promoção dos benefícios educacionais desenvolvidos no meio, na prática.

Pesquisas mostram que o gênero, a condição social, a estrutura familiar, os outros ambientes sociais no quais o sujeito se relaciona, a frequência com que pratica esporte e como esta se dá são fatores que tem influência no entorno educacional da prática esportiva e conseqüentemente na resiliência do sujeito (CECONELLO E KOLLER, 2000; DESLANDES E JUNQUEIRA, 2003; PESCE et al, 2004; SILVA E LIMA 2010)

Desta maneira o presente trabalho se lança numa perspectiva educacional do ambiente esportivo ainda pouco estudada, mas de grande importância para o desenvolvimento do conceito da resiliência. Em suma podemos organizar os objetivos deste trabalho:

Objetivo Geral:

- Descrever o restabelecimento dos padrões adaptados de normalidade em um indivíduo resiliente através da prática esportiva.

Objetivos Específicos:

- Apontar os fatores de proteção desenvolvidos através do esporte no indivíduo resiliente;
- Caracterizar o ambiente esportivo como meio através do qual os indivíduos adquirem competências necessárias a resiliência e
- Identificar padrões adaptados de normalidade, em um indivíduo resiliente, readquiridos através do esporte.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 PSICOLOGIA ESPORTIVA

Vários conceitos sobre o que é a psicologia são difundidos no meio acadêmico, pelos mais diversos pesquisadores da área. Para Abib (2008) esta ciência, que faz parte do âmbito das ciências humanas, trata, com um gama aberto de significados, as ações das pessoas e dos indivíduos. Gergen et al (2008) a definem como a ciência do comportamento humano. Cambaúva et al (1998) afirmam que a psicologia pode ser considerada uma ciência social, a qual tem como objeto de estudo o homem. Sua invenção tem por objetivo entender e interpretar a subjetividade humana

No decorrer da sua formação a psicologia, enquanto ciência e profissão ampliou seus horizontes, pois hoje tem espaço em meios que antes eram território exclusivo de profissionais de outras áreas. Isto pode ser encarado como o diálogo entre campos da ciência que se aproximam, todavia mantendo cada um sua especificidade (RUBIO, 1999).

Segundo o mesmo trabalho, dentro do esporte não foi diferente, pois a psicologia esportiva surgiu para compor uma lacuna no quadro das chamadas ciências do esporte dentre as quais, no que se refere ao âmbito sócio-cultural, estão a antropologia, a sociologia e a filosofia esportivas, incluindo também a própria medicina esportiva, a fisiologia e a biomecânica, o que dá ao profissional da área uma grade multidisciplinar.

Seu surgimento, ao contrário de muitas ciências esportivas, não parte de dentro dos cursos de Educação Física ou psicologia para o mercado esportivo, mas justamente no sentido contrário. A psicologia esportiva surge da necessidade que os profissionais do esporte de alto rendimento sentiram, na prática, de controlar os fatores psicológicos que interferem no desempenho (RUBIO, 2007a).

Há algumas décadas a Psicologia do Esporte no Brasil vem se organizando e se firmando como uma realidade tanto entre a Psicologia, nos aspectos relacionados com a formação, como também junto a atletas e equipes esportivas. A partir da resolução 014/00, do Conselho Federal de Psicologia, esse quadro sofreu uma

drástica alteração, uma vez que a Psicologia do Esporte passou a ser considerada como uma especialidade da Psicologia, regulamentando o exercício profissional e a formação dos psicólogos desejosos de atuarem junto à Psicologia do Esporte. (RUBIO, 2007b, p. 1)

A psicologia esportiva tem se voltado ao treinamento psicológico objetivando maximizar o rendimento esportivo e obter êxito nos resultados dos jogos, sempre. Para tal, profissionais envolvidos e atletas buscam o aprendizado de maneiras de enfrentar diversos fatores que intervêm no resultado como a concentração, o estresse, as habilidades de comunicação e coesão entre atletas, entre outros (RUBIO, 2007a). Alcançando assim a meta de dar aos atletas respaldo psicológico para o bom desempenho nas competições.

Neste contexto o papel do psicólogo esportivo atual se limita na prática à:

Aplicação: o foco é na prática profissional e na aplicação da psicologia do esporte no contexto do esporte, do exercício e da atividade, física. Tipicamente, esses profissionais atuam em duas funções principais: (1) diagnóstico e acesso (ex. detecção de talento, testagem de habilidades cognitivas ou sensório-motoras, avaliação das necessidades dos participantes); e (2) intervenção (ex. melhora da performance, consultor de equipes) (SOUZA FILHO, 2000, p. 35).

Observa-se que a Psicologia do Esporte encaminhou, em seu desenvolvimento, sua prática às atividades esportivas competitivas. O que acaba passando despercebidos outros campos de intervenção psicológica como as atividades físicas praticadas no tempo livre, a própria iniciação esportiva, a reabilitação de ex-enfermos, o trabalho com portadores de necessidades especiais, práticas que tem o esporte como atividade meio e não finalidade (RUBIO, 2007a). A mesma autora afirma, neste trabalho, que esta problemática se dá por todo o contexto do surgimento e amadurecimento desta ciência (que foi do esporte para as universidades) e encara os desafios “da criação de uma identidade e da necessidade de registro das muitas experiências práticas que vão se acumulando como produção de conhecimento” (RUBIO, 2007a, p. 306).

É corrente analisar que todo manifesto esportivo é socialmente estruturado, na medida em que em sua organização e na maneira como se revela na prática, o esporte é fruto também dos valores da sociedade em que ele se manifesta. Sendo assim o desenvolvimento da identidade do atleta, o controle da concentração e da ansiedade, as questões da liderança da equipe, que geralmente são tratadas de

uma maneira pragmática dentro da psicologia do esporte que são todas voltadas para o alto rendimento, são todas deslocadas de um contexto social maior que é o lugar e o meio no qual o atleta vive (RUBIO, 2007).

Cagigal (1996, apud RUBIO, 2007a) afirma que a Psicologia Esportiva deveria ter como objeto de estudo o esporte como um feito humano, ou seja, mais do que focar-se no rendimento esportivo, ela deveria promover o desenvolvimento humano através do esporte. Neste contexto o esporte seria um instrumento, um dos diversos meios para o homem desenvolver suas potencialidades e habilidades.

Partindo deste mesmo ponto de vista, ao considerarmos a prática esportiva além da competitividade é possível dizer que também é público alvo da Psicologia do Esporte as pessoas ou grupos que se exercitam regularmente ou treinam para competições, as que fazem parte das famosas práticas de tempo livre, os projetos sociais e a reabilitação de enfermos. Os projetos sociais que em sua grande maioria tem tido por objetivo o uso do esporte como meio de socialização de crianças e adolescentes (no caso de talentos proeminentes, o encaminhamentos para instituições que possam desenvolver este potencial). Nesta perspectiva a intervenção do psicólogo se voltada ao desenvolvimento de habilidades sociais como cidadania e a formação de outra identidade (RUBIO, 2007b).

Esta autora afirma que na reabilitação de enfermos, a psicologia esportiva não trabalharia só com as pessoas que necessitam de cuidados especiais, mas também com as que sofreram algum tipo de lesão ou trauma e que passam a precisar de atividade física regular para a sua reabilitação psicológica e para o próprio transcorrer de sua vida.

Sanches e Días (2008) afirmam que a iniciação esportiva tem configurado-se como um campo privilegiado para a intervenção do psicólogo. É crescente a quantidade de crianças envolvidas em atividades esportivas que podem ser tanto pedagógicas quanto competitivas. Este meio é um importante elemento na educação e socialização de crianças e jovens. Dentre as muitas razões alegadas para o desenvolvimento esportivo destes, dentro de um contexto esportivo, encontram-se o divertimento, o aperfeiçoamento de habilidades e a convivência com amigos.

2.1.1 A Psicologia Esportiva em um Foco Positivista

A psicologia positiva tem sido afirmada como um movimento que nos últimos anos ganhou terreno dentro das ciências sociais e comportamentais. Nesta perspectiva são considerados os aspectos como a felicidade e as emoções positivas, os benefícios destes e as maneiras de desenvolvê-los. Seu movimento emerge como uma tentativa de romper como o viés negativo que foi formado, no decorrer da história, sobre o desenvolvimento humano, através de estudos sobre os aspectos positivos presentes no sujeito (NUNES, 2007).

Esta abordagem vem oferecer um equilíbrio em relação às teorias que predominavam na Psicologia desde então, cujo enfoque estava voltado à patologia dando mais relevância e considerando tanto os defeitos quanto as qualidades das pessoas e se voltando à doença e a resolução das queixas trazidas pelos pacientes. Este novo modelo enfatiza aspectos potencialmente saudáveis do ser humano e atua sobre a ótica da prevenção e do desenvolvimento de potencialidades (SANCHES; DÍAS, 2008).

Neste contexto velhas questões são transformadas em novas possibilidades, pois fenômenos como felicidade, otimismo, altruísmo, competência, autoestima, esperança, satisfação tendem, numa perspectiva positivista, a ser tão importantes quanto a pesquisa dos velhos temas psicopatológicos como depressão, ansiedade, angústia e medo. (YUNES, 2003). “Trata-se, portanto, de uma psicologia que almeja antes de tudo romper com o viés ‘negativo’ e reducionista de algumas tradições epistemológicas que têm adotado o ceticismo diante de expressões salutogênicas de indivíduos, grupos ou comunidades” (YUNES, 2003, p. 75-76).

Na inversão que há de uma perspectiva patológica à positiva surgem novas abordagens a serem tratadas pela psicologia que visam o funcionamento positivo. Como por exemplo, as características individuais, o bem-estar subjetivo e a resiliência. Todavia este movimento é científico, tem rigor, se baseia em evidências a fim de identificar intervenções que proporcionem o bem-estar e a qualidade de vida. Nela influenciam outras atividades que favorecem a benefícios da mente e conseqüentemente a maneira de ver o mundo. As diferenças inerentes a cada um também tem função importante ao longo de todo este processo (NUNES, 2007).

Segundo Gill e Williams (2008), dentro deste contexto, positivista, o trabalho do psicólogo esportivo é não só o de entender como os fatores psicológicos afetam o desempenho físico de um indivíduo, mas também como a prática de atividades físicas afetam o desenvolvimento da mente de uma pessoa. Assim os psicólogos

esportivos deixam de ajudar só atletas de elite e trabalharão também com crianças, indivíduos com incapacidades físicas e mentais, pessoas na terceira idade e praticantes em geral, os quais alcançarão um desempenho máximo, um grande nível de satisfação pessoal e desenvolvimento. Para Sanches e Dias (2008) este paradigma reflete na melhora do desempenho do praticante em um contexto esportivo, na satisfação e adesão à prática esportiva e também nos diversos contextos em que este interage.

No positivismo a psicologia do esporte acaba atuando não só em situações que envolvem personalidade, motivação, liderança, agressão e violência, mas também com o bem-estar de atletas, e entre outros fatores que acabam a caracterizando com um lugar onde o enfoque social, da educação e o clínico se completam. (RUBIO, 1999). O ambiente esportivo, em um enfoque positivista tem subsídios para desenvolver fatores de proteção necessários no ser humano, além das características necessárias ao cidadão ético e moral.

Positivamente o psicólogo esportivo auxilia qualquer atleta a evoluir, visando aumentar suas potencialidades mentais, as habilidades e qualidades que ele já possui. Sobre tal fato afirma:

O foco principal da intervenção sempre deve estar em fortalecer os aspectos positivos que o indivíduo já apresenta. Desta forma estaremos contribuindo tanto direta quanto indiretamente para o aprimoramento das habilidades dessa pessoa de lidar com as adversidades que certamente surgirão em sua vida, e conseqüentemente para o seu desenvolvimento pleno (SANCHES; DIAS, 2008, p. 8-9).

Nesta perspectiva é corrente observar os pressupostos da psicologia social que estão presentes no entorno esportivo. Tendo em vista que esta prática é feita coletivamente, sendo assim, o ser que a faz interage e por isso troca conhecimentos e acaba evoluindo.

2.2 RESILIÊNCIA: APROXIMAÇÃO CONCEITUAL

Se considerar a palavra resiliência por sua origem etimológica teremos duas definições. Uma em latim, *resiliens*, que significa saltar para trás, voltar, ser impelido,

recuar, se encolher, romper. Já a origem inglesa, *resilient* sugere a idéia da flexibilidade e recuperação rápida dos materiais elásticos. Sua usualidade ocorreu primeiro na física e na engenharia e para estas áreas denotava a propriedade que um corpo tem de ser flexível por passar por determinada pressão e voltar a sua forma original (PINHEIRO, 2004).

Não obstante outros campos de pesquisa o tem usado. Tavares (2002 apud SANCHES; RUBIO, 2010) afirma que a medicina, por exemplo, define como resiliência a capacidade que uma pessoa tem de resistir a uma doença ou a intervenção médica, com ajuda de medicamentos ou por si própria. Neste contexto o autor se refere a conceitos de resiliência natural e assistida.

Na Psicologia, o estudo deste tema é recente. Suas primeiras pesquisas datam o início de cerca de trinta anos, mas só nos últimos cinco os encontros internacionais têm posto a resiliência em pauta, trazendo este construto como tema de discussão. A definição do termo ainda não é clara ou precisa como acontece na física e na engenharia, mas levando em consideração a complexidade e multiplicidade dos fatores e variáveis considerados nos estudos dos fenômenos humanos, também não poderia ser (YUNES, 2006).

No Brasil o significado da palavra ainda é desconhecido por muitas pessoas. Deve-se considerar que a psicologia se apropriou de um conceito matemático, material, objetivo para explicar um processo que na sua área, mais subjetiva, deve ser analisado com muita cautela para que não haja comparações indevidas, pois nesta área se refere a algo dinâmico, imprevisível, provisório (YUNES; SZYMANSKI, 2005).

Tendo em vista a ampla discussão que há para definir resiliência, por ser um fenômeno humano, vários pesquisadores o tem tentado fazer o que dá ao meio acadêmico uma gama de conceitos que, todavia não se distanciam: se completam. Para Yunes (2003) a resiliência, nas ciências humanas, é um fenômeno que indica vida saudável por referir-se a processos que explicam a superação de adversidades. Segundo Rutter (1999) este termo é usado para descrever a resistência relativa ao risco psicossocial de certas experiências. Pesce et al (2004, p. 135) compreende resiliência como “o conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento de uma vida sadia, mesmo vivendo em um ambiente não sadio”.

Na psicologia ela tem sido “comumente definida como a capacidade de o indivíduo, ou a família, enfrentar as adversidades, ser transformado por elas, mas

conseguir superá-las” (PINHEIRO, 2004, p. 68). Deslandes e Junqueira (2003) dizem que a resiliência é uma habilidade e/ou capacidade de enfrentar positivamente os diversos fatores estressores com os quais nos defrontamos. A resiliência não é um processo estanque, muito menos linear, pois um indivíduo pode apresentar-se resiliente a determinada situação, mas não o ser frente a outras. Para Noronha et al (2009, p. 498):

A resiliência caracteriza-se pela capacidade do ser humano responder às demandas da vida cotidiana de forma positiva, apesar das adversidades que enfrenta ao longo de seu ciclo vital de desenvolvimento, resultando na combinação entre os atributos do indivíduo e de seu ambiente familiar, social e cultural.

Taboada et al (2006) afirmam que as produções científicas que tem como plano de fundo a resiliência, estão ora focadas ao próprio constructo, ora focadas às práticas que o envolvem. Os autores partem da definição comum: “(resiliência como a capacidade do indivíduo de recuperar-se de / fazer frente à / lidar positivamente com a adversidade)” (TABOADA et al, 2006, p. 105) para afirmarem que os diversos conceitos dados à resiliência humana, são quando presentes distintos.

Observa-se que para todos os autores há em comum que a resiliência é a capacidade que o indivíduo tem de superar situações traumatizantes, apresentando padrões adaptados de normalidade. Ela não é uma característica totalmente inerente ao ser e não se explica por uma simples combinação de condições felizes. Independente de todos os obstáculos teóricos é possível estabelecer, a partir de diversas pesquisas nacionais e internacionais, as variáveis e os fatores que influem no enfrentamento e na superação de traumas. Para um indivíduo ser conceituado resiliente, deve se levar em consideração as qualidades do próprio e sua interação com um ambiente familiar positivo (PINHEIRO, 2004).

2.2.1 Fatores de Risco e Vulnerabilidade

A capacidade de resiliência de um indivíduo pode ser afetada por fatores de risco, que podem ser duradouros ou agudos. Estes, segundo Maia e Williams (2005), podem ser provenientes de fatores biológicos e/ou genéticos da criança e/ou sua família. Mas também a própria comunidade pode influenciar tanto no ambiente onde a criança se desenvolve como no de sua própria família.

Sanches (2008), além do fator genético e do ambiente familiar, afirma que estes estão fortemente associados com as problemáticas políticas e sociais do lugar onde o homem se desenvolve. Desta maneira a intervenção sobre eles é muito mais complexa do que se pensa, pois um trabalho bem feito teria que estar relacionado às políticas públicas do governo.

A família tem o papel de inserir seus membros na cultura e ser instituidora das relações primárias. Ela tem influência na forma como o jovem reage às ofertas negativas que ocorrem na sua vida (como a de drogas). Uma relação familiar saudável é um fator de proteção para toda a vida, no entanto problemas enfrentados na adolescência, que foram plantados na infância tem condições de ter grandes repercussões na vida do adolescente, por este ter tido, exatamente na sua formação familiar, a convivência com fatores de risco (SCHENKER; MINAYO, 2005). Estes autores conceituam risco como:

Uma conseqüência da livre e consciente decisão de se expor a uma situação na qual se busca a realização de um bem ou de um desejo, em cujo percurso se inclui a possibilidade de perda ou ferimento físico, material ou psicológico. [...] Viver é correr risco e por isso a incerteza é um componente essencial da existência e igualmente do conceito de risco (SCHENKER; MINAYO, 2005, p. 708).

Pode se observar que alguns destes fatores se referem a características dos indivíduos; outros as do meio micro-social que ele está inserido, ainda, a condições estruturais e socioculturais maiores. Todavia, geralmente, estes se combinam quando uma situação considerada social, intra-psíquica e biologicamente perigosa acaba se concretizando Zweig et al (2002 apud SCHENKER; MINAYO, 2005).

Pesce et al (2004) dão como exemplo destes fatores condições de pobreza, rupturas familiares, a vivência em ambientes violentos ou de algum tipo de violência, doenças no próprio indivíduo ou em alguém próximo, perdas importantes, etc. Estes eventos traumáticos na vida do ser humano não estão ligados a características de um resiliente. Em seu trabalho, estes mesmos autores concluíram que embora a vivência de um evento negativo não tenha necessariamente que causar prejuízos na vida dos jovens, quando um deles não pode resistir a viver em um meio de risco fica propenso, sem lastros, pra responder positivamente aos riscos da vida.

Schenker e Minayo (2005) apontam a violência intra-familiar como fator de risco a saúde mental e propensão as psicopatologias. No texto os autores afirmam

que os fatores de risco no ambiente familiar podem ser, dentre outras, a violência física que diz respeito aos maus tratos corporais; a negligência que é a privação de algo essencial para a formação e o desenvolvimento sadio (como alimentos, roupas, segurança, escola), a violência psicológica, que é a submissão às ameaças, privações e humilhações feitas pelos adultos; a conjugal que diz respeito à exposição aos problemas do relacionamento dos pais; a sexual que “compreende toda situação na qual um ou mais adultos, do mesmo sexo ou não, utilizam a criança ou adolescente com a finalidade de obter prazer sexual” (Maia; Williams, 2005, p. 95)

A falta de base para suportar situações traumatizantes pode gerar indivíduos vulneráveis aos eventos traumáticos. Para Zimmerman e Arunkumar (1994 apud CECCONELLO; KOLLER, 2000, P. 74). “Ao contrário da resiliência, vulnerabilidade caracteriza-se por respostas mal-adaptadas que resultam em conseqüências negativas para o desenvolvimento psicológico”. O acúmulo de fatores de risco poderia antever a capacidade de resiliência, partindo do princípio que todo homem tem um limite para lidar com o estresse. (PESCE et al, 2004).

Silva e Lima (2010) dizem que a vulnerabilidade diz respeito ao indivíduo, sua constituição, mas não deve ser tomada separada de um contexto sócio-histórico, para estes autores ela é uma pré-disposição, que enquanto tal não é muito significativa, porque só se concretiza em relação com fatores de risco como, baixo nível sócio-econômico, relações afetivas mal sucedidas, fracasso profissional ou intelectual, entre outros. Ela é uma pré-disposição psicofísica a qual só se manifesta estimulada por fatores externos, os quais são decisivos.

Não há consenso sobre a quantidade de eventos desta natureza necessários para afetar a capacidade do indivíduo de superar traumas, sobretudo se levamos em conta que as experiências negativas são inevitáveis, Este fato fortalece a dependência da resiliência aos níveis de exposição e os limites de cada um. Uma situação pode ser enfrentada como perigo para um e apenas como desafio para outro (YUNES, 2003).

Tanto os fatores de risco quanto a vulnerabilidade são processos que tem relação com conseqüências negativas ou resultados indesejados, mas vale à pena salientar que embora haja semelhança entre os dois conceitos eles não são iguais, pois diferem em uma questão essencial. O risco é associado a uma probabilidade, algo estatístico e presente em determinadas comunidades, já a vulnerabilidade se

relaciona à própria pessoa e as suas predisposições a respostas mal adaptadas e as possíveis conseqüências negativas (CECCONELLO, 2003).

Sobre a inter-relação entre a resiliência, as condições de risco e vulnerabilidade conclui-se que:

Para falarmos em resiliência, a condição de risco deve ser imprescindível, pois não é possível afirmar que uma pessoa está sendo resiliente, se o risco não estiver presente, ou seja, se não estiver em jogo a habilidade da pessoa para enfrentar a situação. O mesmo acontece com a vulnerabilidade. Sem a presença do risco, a vulnerabilidade não se manifesta. Uma pessoa pode ter uma predisposição para o desenvolvimento de alguma patologia e esta nunca se manifestar, a não ser que seja desencadeada por alguma situação estressante. Por outro lado, é necessário estar ciente de que um fator de risco tem o potencial para atuar como tal, contudo, dependendo da existência de fatores mediadores, ele pode não atuar como risco (CECCONELLO, 2003, p. 25-26).

2.2.2 Fatores de Proteção

É constatado que além da compreensão da importância dos riscos para se aferir a resiliência, os fatores e mecanismos positivos, de proteção, que o ser humano dispõe ou capta do meio em que vive são elementos de fundamental relevância para a compreensão da resiliência. Os fatores de proteção tem sido usualmente chamados pelos pesquisadores de mediadores (*buffers*) (PESCE et al, 2004).

A Proteção é algo que o ser humano tem necessidade e vivência desde suas relações primárias. “Significa, sobretudo, oferecer condições de crescimento e de desenvolvimento, de amparo e de fortalecimento da pessoa em formação” (Schenker; Minayo, 2005, p. 711). Estes autores afirmam que diante de eventos traumáticos, os elementos de proteção assumem papel facilitador no caminho da construção da resiliência.

Por sorte, eles interagem com os fatores de risco, os quais dão subsídios ao indivíduo para desenvolver atributos, chamados de características individuais, que são no momento de necessidade fatores de proteção, inerentes ao resiliente. O conjunto destes fatores, em um momento de necessidade, serve como um recurso para o indivíduo, auxiliando-o a ter bons resultados na interação com os eventos da vida e evitando conseqüências negativas (CECCONELLO; KOLLER, 2000). Deste

modo Amparo et al (2008, p. 166) mencionam que “Os processos de proteção têm como função básica interagir com o impacto de fatores de risco e proporcionar alternativas para resolução dos problemas vivenciados no cotidiano de risco psicossocial”. Os mesmos autores ainda afirmam que essa interação nas relações sociais dos seres os torna resilientes auxiliando-os na adaptação, segurança, autonomia e criatividade.

Garnezy e Masten (1994 apud Ceconello; Koller, 2000) identificaram três fatores de proteção em indivíduos. O primeiro se refere a características individuais, como autoestima, inteligência, capacidade para resolver problemas, competência social; O segundo fala do apoio afetivo que é transmitido pelas pessoas da família, através de um vínculo positivo com os cuidadores; o último diz que no apoio social externo, provido por outras pessoas/ambientes relevantes, como escola, igreja e grupos de ajuda o ser desenvolve as características individuais do resiliente.

O apoio social e afetivo são dois pólos muito pesquisados pelos positivistas que buscam compreender a resiliência. Minkler (1985 apud Valla, 1999) define apoio social como qualquer informação ou auxílio oferecido por grupos de pessoas que se conhecem e tem resultados no campo emocional e/ou em comportamentos positivos. Este processo é recíproco, pois tem efeitos tanto em quem recebe como em quem dá o apoio e acaba permitindo que ambos tenham maior controle sobre as suas vidas. Neste processo se observa que as pessoas dependem umas das outras.

As diversas relações que o ser humano estabelece com os outros, provenientes dos micros-sistemas nos quais transita, (família, amigos, escola, abrigo, entre outros), podem assumir o papel de fornecer apoio (SIQUEIRA et al, 2006). Sendo assim, um envolvimento comunitário (em algum grupo social como o de uma igreja, na escola, na prática desportiva) pode ser um fator psicossocial que influi na melhoria da confiança pessoal, da capacidade de enfrentar problemas e na satisfação com a vida. Pode também aumentar a defesa do corpo e diminuir a vulnerabilidade a doenças (VALLA, 1999). O apoio afetivo se dá dentro do contexto do apoio social reforçando os laços deste.

Amparo et al (2008), em um trabalho que analisou a interação de jovens em condições de risco psicossocial com as redes de apoio e os fatores pessoais de proteção, afirmam que é necessário um suporte mediador do risco no qual estes jovens convivem. Este suporte corresponde a um conjunto de fatores protetores, como boas relações pessoais, autoestima, bons relacionamentos com amigos,

professores e a família, além de uma rede de apoio social e emocional recebidos. Esses fatores contribuem para a resolução de eventuais problemas e a manutenção do desenvolvimento de uma vida saudável.

Os mesmos autores afirmam que ao se considerar os fatores de proteção é importante destacar que eles estão integrados à espiritualidade, à consolidação da autoestima e à presença positiva da família e dos amigos e são ativos. Uma rede de sustentação positiva para jovens que se encontram em um ambiente considerado de risco pode, efetivamente, “contribuir para que sua resiliência e a efetiva estruturação de recursos individuais e sociais para o enfrentamento das adversidades” (AMPARO et al, 2008, p. 172)

Os mecanismos protetores os quais o indivíduo dispõe ou capta do ambiente em que se inter-relaciona são elementos determinantes para o entendimento da resiliência. Estes são considerados ponto chave no restabelecimento de equilíbrio que é abalado na situação de estresse e na demonstração de competência mesmo em situações adversas Pesce et al (2004). Neste trabalho, os autores, que analisaram o equilíbrio entre fatores de risco e de proteção capaz de promover a resiliência concluíram que os fatores de proteção estudados (bom relacionamento com outras pessoas, autoestima, apoio-social, gênero) atuam como facilitadores no processo que ocorre individualmente de perceber e combater o risco.

2.2.2.1 Ecologia do desenvolvimento humano

O discurso sobre as diferentes dimensões promotoras da resiliência, (características individuais, apoio afetivo e apoio social externo) não deixa dúvidas sobre sua inter-relação com o conceito de ambientes ecológicos, onde são proporcionadas as atividades em que se exercem os diferentes papéis e as relações interpessoais que cada um poderá estabelecer.

Este ambiente se dá em meio à família, nas relações criadas na escola, no ambiente de trabalho, no lazer, nos grupos de pares, pois nestes o indivíduo se movimenta e relaciona com outros, e está vulnerável a situações adversas. Neste meio fortalece suas características individuais e exercita sua capacidade de resiliência (YUNES, 2003).

O Paradigma Ecológico do Desenvolvimento ressalta os aspectos saudáveis do desenvolvimento, assim como o positivismo. Os estudos realizados neste modelo

são feitos em ambientes naturais e analisa a participação da pessoa na maior quantidade de contextos, ambientes, possíveis e em contato com diferentes pessoas e formações grupais.

Estes contextos são os ambientes ecológicos no qual vão de micro a mesossistemas. O microssistema é o lugar onde o homem, em desenvolvimento, foca e estabelece as relações estáveis significativas (o ambiente familiar). O mesossistema é um conjunto de micros (a escolinha, a casa, a vizinhança). O modelo valoriza os processos da psique relacionados com todas as variáveis ambientais não negligenciando as questões biológicas no decorrer do desenvolver do homem (ALVES, 1997).

Estes conceitos fazem parte da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, criada por Urie Bronfenbrenner, pesquisador vivo e ativo ainda na área acadêmica e científica, o que nos remete ao fato de que esta abordagem está em constante atividade científica e acadêmica. Segundo ele o desenvolvimento ocorre apoiado em quatro níveis dinâmicos e que se relacionam: a Pessoa, o Processo, o Contexto e o Tempo (ALVES, 1997).

Quando o criador desta teoria fala da pessoa se refere a todas as características do indivíduo e suas constantes transformações, o processo são os diferentes níveis constituídos pelos papéis e atividades diárias da pessoa em desenvolvimento, o contexto são os ambientes ecológicos nos quais o indivíduo esta inserido e o tempo é o próprio momento histórico que tem efeitos profundos em todas as sociedades (MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

Dentro desta perspectiva teórica o desenvolvimento humano é uma série de procedimentos nos quais as inter-relações entre as características pessoais e o meio interagem a fim de produzir constância e mudança no ser ao decorrer de sua vida (ALVES, 1997).

A partir desta concepção é notório que dependendo da interação do ser com o meio, este pode desenvolver as potencialidades fundamentais, fatores de proteção, necessários para se desvincular dos problemas que ocorrem nas situações de estresse ou, ao contrário, promover fatores de risco que podem formar indivíduos vulneráveis.

2.3 ESPORTE E RESILIÊNCIA

Sabe-se que existem, no contexto esportivo, diversas situações consideradas como um risco psicossocial, as quais podem dificultar o desenvolvimento psicológico saudável do praticante.

Dependendo da forma como o esportista lida com a pressão, a própria competição esportiva também pode se tornar um momento gerador de ansiedade e estresse. Todo atleta que se aventura na rotina de treinos e competições enfrenta essas situações e poderá vivenciar sentimentos de desconforto e insegurança diante do imprevisível, já que é impossível antever o que pode acontecer em uma competição esportiva, principalmente quando ela não depende somente do desempenho do próprio atleta, mas deste em interação com seu adversário. A frustração diante de um resultado insatisfatório também pode se caracterizar como um momento adverso, assim como situações intrínsecas ao contexto de competição (SANCHES; RUBIO, 2010, p. 96).

Todavia entorno esportivo também pode estimular que o indivíduo crie estratégias para enfrentar os obstáculos do mesmo e se fortalecer a partir dessa situação. Assim a atividade esportiva pode proporcionar ao praticante a possibilidade de estar mais preparado e autoconfiante a enfrentar eventuais dificuldades que podem surgir na sua vida profissional, social ou afetiva quando este enfrenta as situações que ocorrem neste contexto e as transpõe para a sua vida pessoal (SANCHES; RUBIO, 2010).

As mesmas autoras afirmam que é possível perceber que apesar do universo esportivo apresentar obstáculos a ser superados constantemente, ele também oferece ao praticante a possibilidade de desenvolver recursos que o auxiliarão não somente a lidar com essas adversidades e ser resiliente, mas com diversas situações que surgirem em outros campos de sua vida (SANCHES; RUBIO, 2010). Para Zocateli (2010) esta prática tem muito maior relação com os fatores positivos da vida, necessários a resiliência que os negativos.

A problemática em questão é que na área de Educação, principalmente nos projetos educacionais paralelos a educação formal, o conceito de resiliência ainda é pouco conhecido e aplicado, embora o desenvolvimento desta esteja implícito nos

objetivos dos mais diversos programas educativos que usam como meio o esporte. Estes projetos tem possibilidades de aumentar a capacidade de resiliência dos educandos, uma vez que lhes confere um boa projeção de futuro (Silva; Lima, 2010). Para as autoras:

Nesta perspectiva, a prática esportiva na Escola deve ganhar uma importância a mais e ser pensada como importante ferramenta para aumentar a resiliência de meninas em situação de risco e tornar esta atividade um mecanismo eficiente para o desenvolvimento de medidas protetivas (SILVA; LIMA, 2010, p. 118).

A promoção da resiliência durante a prática desportiva ocorreria tal qual um treino de habilidades, pois o esporte se configura como um meio extremamente salubre onde a resiliência pode ser discutida e treinada. Isto ocorre porque nesta prática o homem adquire vários predicados vistos como bons pela sociedade, por ajudarem-no a agir de forma positiva, satisfatória. A relação do esporte com a produção destas qualidades se dá por, em sua prática, estes adjetivos se fazerem necessários (ZOCATELI, 2010).

O mesmo autor afirma que muitas das características individuais presentes na literatura que trata dos fatores de proteção do resiliente estão presentes, em desenvolvimento, no contexto esportivo.

Estas características podem ser desenvolvidas nos ambientes propiciadores de proteção (familiar e apoio social externo). Pinheiro (2004) lista várias características necessárias em um ambiente facilitador de resiliência. Para a autora estes devem ter estruturas coerentes e flexíveis; proporcionar respeito e reconhecimento, garantir privacidade; ser tolerante às mudanças; impor limites de comportamento definidos e realistas; manter comunicação aberta; ser tolerante aos conflitos; promover a reconciliação; ter sentido de comunidade e ser empático. Observa-se que várias destas características são correntes no contexto esportivo, quando este é bem estruturado.

Sanches (2008) afirma que várias características individuais que autores da área indicam existir no contexto educacional estão também no esportivo como: a aquisição de competências sociais e cognitivas, segundo o autor o atleta tem que aprender a lidar com regras, respeitar o próximo, usar o raciocínio lógico e rápido; planejar seu cotidiano em detrimento a rotina de treinos; tem que assumir responsabilidades, pois cumprir horários e tem que cuidar da saúde física; mantém

uma atmosfera social positiva, por causa da convivência com os colegas, professores e até mesmo os adversários; as experiências positivas fora de casa influenciam sua satisfação pessoal; a autoestima é aumentada; o atleta possui um nível apropriado de controle, porque tem que lidar com as vitórias e derrotas, além de outros diversos benefícios proporcionados pela prática esportiva.

Em seu estudo sobre a prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência, a autora encontrou diversas contribuições de um projeto de atletismo na vida dos participantes, que podem ser consideradas características individuais inerentes ao resiliente como:

Maior aceitação do corpo, aumento da autoestima, da autoconfiança, motivação e competência social, aumento da responsabilidade, a ocupação do tempo ocioso, a mudança dos hábitos de vida e o estabelecimento de metas para suas vidas. [...] o projeto fortaleceu a rede de apoio social e afetivo dos adolescentes, além de promover muitos outros aspectos considerados essenciais para a promoção de resiliência (SANCHES, 2008, P. 01).

Neste trabalho a autora conclui que o ambiente esportivo efetiva a promoção da saúde psicológica dos atletas, aumenta diversos fatores de proteção, diminui os de risco e promove a resiliência dos jovens envolvidos.

Albuquerque e Luckwu (2010), que pesquisaram a influência da satisfação das necessidades psicológicas sobre a motivação autodeterminada de jovens atletas de futsal, afirmam que o esporte nos dias atuais é considerado ícone de resgate social dos jovens brasileiros por causa do prazer proporcionado por sua prática. Para os autores mesmo com tantos problemas sociais existentes no país, como a desigualdade social, tráfico de drogas, fome e miséria, um esporte como o futsal pode resgatar vidas e motivar os praticantes para a busca de uma condição melhor. Este esporte proporciona a melhoria da sua saúde, a descoberta de novas amizades, divertimento e pode ser um espaço no meio profissional.

O esporte é uma ferramenta imprescindível de apoio ao participante. Um apoio como esse, se bem efetivado, pode se tornar um fator de proteção a mais na vida do participante, podendo suprir determinadas faltas, se este estiver exposto a uma situação de risco, como também dar subsídio para que ele enfrente positivamente os problemas familiares e a violência, que são tão correntes nos dias atuais (ZOCATELI, 2010).

A partir da inter-relação entre as pesquisas supracitadas na área da psicologia relativas às características inerentes a um ambiente que pode ser conceituado como fator de proteção com as pesquisas relativas aos benefícios da prática esportiva que em vários lugares do mundo já é utilizada a fim de sanar ou ao menos amenizar certas questões sociais pode se concluir que o ambiente esportivo pode contribuir com o desenvolvimento e/ou o desabrochar de vários fatores de proteção que em um momento de estresse são a base do resiliente através da qual ele tira as forças necessárias pra lutar e vencer obstáculos.

Muitas características presentes na literatura sobre o sujeito que se manifesta de forma resiliente, também se vinculam nos estudos sobre a prática desportiva. Sejam características em forma de traços de personalidades, sejam em forma de lidar com eventos, elas parecem ser essenciais para o sucesso da prática desportiva, tal qual para o bem estar na vida (ZOCATELI, 2010, p. 24).

Para Botelho (2006) em uma perspectiva revolucionária a escola tem que perceber a necessidade da Educação Física e do Esporte no desenvolvimento da autoestima e na formação da cidadania de seus alunos e para que isso ocorra tem que haver o envolvimento de todos e participação de forma criativa o que contribui significativamente com o crescimento e a autorealização. Para que se alcance o desenvolvimento da autoestima há necessidade de motivação, que é a garantia de satisfação e desenvolvimento. “Motivado e com a autoestima elevada, o aluno diminui sua tensão emocional, problemas disciplinares, aborrecimento, fadiga e a aprendizagem será mais eficiente” (BOTELHO, 2006, p. 31).

Silva e Lima (2010), que estudaram a prática de futsal por meninas, como medida para aumentar a resiliência em crianças de situação de risco social, afirmam que a prática esportiva sempre foi usada por muitos jovens, como fuga das situações adversas do seu dia-a-dia. Os autores afirmam que a prática esportiva no ambiente escolar deve ter uma importância maior e ser pensada como uma ferramenta importante para aumentar a resiliência de meninas em situação de risco, tornando esta atividade um mecanismo eficiente para o desenvolvimento de medidas protetoras.

Zocateli (2010) fala que o esporte inserido como meio principal nos projetos sociais pode se tornar uma ferramenta de apoio as crianças imprescindível. Este apoio, se bem estruturado, é um forte fator de proteção na vida destes participantes

que pode vir a suprir as faltas que existem numa situação de risco, como os problemas familiares e a violência urbana.

É necessário considerar que a resiliência não depende de traços e disposições pessoais e individuais. Sendo necessária a discussão sobre este tema dentro das próprias instituições familiares e nos grupos (PINHEIRO, 2004). A Educação Física em si é capaz de criar oportunidades que estimulem os participantes a superar adversidades, pois esta prática abre caminhos para uma vida ativa e com objetivos. O praticante que tem interesse intrínseco, dentro da própria atividade que exerce, tem satisfação, divertimento, traça metas e tem motivação com a sua prática. (SANTOS, 2007). Os profissionais dessa área podem direcionar seus alunos a solucionar conflitos que enfrentam em seu cotidiano escolar, familiar e social.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com base em dados obtidos a partir de uma entrevista semi-estruturada aplicada em um único indivíduo e os resultados obtidos a partir desta podem ser generalizados a casos similares. Este fato acontece com resultados que são coletados em pesquisas feitas mediante estudos de caso, que segundo Thomas e Nelson (2002 apud Ferreira 2010, p. 15) preocupam-se em:

Estudar um determinado indivíduo ou um grupo para investigar aspectos variados ou um evento específico da amostra. Um único caso é estudado com profundidade para alcançar uma maior compreensão sobre outros casos similares.

Este tipo de pesquisa é classificado como qualitativo, pois não há dados coletados mensuráveis, neste caso a investigação examina a compreensão subjetiva das pessoas a respeito da sua vida diária. A concepção teórica inicial é no mínimo ampliada, reformulada, corrigida e clarificada, as hipóteses iniciais e posteriores revistas num crescendo; conceitos construídos. (FERREIRA, 2010)

3.2 SUJEITO DA PESQUISA

Como se trata de um estudo de caso a população e amostra dessa pesquisa são iguais (um único indivíduo); uma jogadora de handebol que se encaixa no perfil de sujeito resiliente, pois sofreu um trauma (violência doméstica) e hoje exerce suas atividades cotidianas normalmente.

3.3 INSTRUMENTO

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semi-estruturada, elaborada exclusivamente para esta pesquisa. As questões objetivavam descobrir os dados que a literatura afirma ser necessários no resiliente (por exemplo, micro e meso sistemas, fatores de proteção adquiridos no decorrer da vida) e é composta pelas seguintes partes:

- Dados pessoais: idade, gênero, grau de escolaridade entre outros;
- Infância e adolescência: A entrevistada respondeu questões relativas a estas fases da sua vida que serviram para caracterizar o meio no qual ela se desenvolveu. Há questões abordando onde e com quem morou, onde estudava e como era seu relacionamento com os colegas da escola, se costumava brincar com os amigos do bairro, etc.
- O esporte: Esta etapa da entrevista tem questões sobre o relacionamento da atleta com o esporte que pratica como, por exemplo, há quanto tempo pratica, como começou, quais as principais competições que já participou, qual a sensação que tem quando está dentro de quadra, se recebe algum incentivo para jogar...
- O trauma: Este tópico está apresentado como o último da entrevista e aborda o relacionamento que a entrevistada teve, a agressão que sofreu e a sua recuperação.

A entrevista teve o total de 81 perguntas. As primeiras quatro questões foram relativas à dados pessoais as quais a entrevistada teve liberdade de escolher se respondia ou não. Ficou acordado que seu nome não seria divulgado. Onze perguntas foram dispostas na segunda etapa que está relacionada com a infância e adolescência da participante. A terceira parte teve vinte e três questões destinadas a sua história com o handebol e na quarta fase 40 perguntas relativas ao trauma.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

A entrevista que a priori seria realizada em um ambiente fechado, climatizado, livre de interrupções e de fatores externos aconteceu na residência da entrevistada, a pedido da mesma, à tarde, pois neste horário não havia ninguém em casa e segundo a própria seria melhor, pois ela ficaria mais a vontade.

A entrevistadora estava com as questões impressas e o relato foi gravado em áudio. Como a entrevista era semi-estruturada no decorrer da coleta ocorreram determinadas alterações no que diz respeito à ordem sequencial das perguntas e respostas, algumas perguntas a mais foram realizadas e outras suprimidas. Este fato ocorreu por causa da dinâmica deste tipo de trabalho, que dá ao entrevistador liberdade de fazer modificações as quais objetivam enriquecê-lo.

Logo depois de realizada, toda a entrevista foi transcrita. Conforme volume apresentado no apêndice A.

3.5 ORGANIZAÇÃO E CATALOGAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

A generalização das informações obtidas é conceitual, os pressupostos estudados foram revistos e aplicados a fim de compreender outras pessoas ou locais constituídos pelas mesmas vivências.

Foram retirados fragmentos de uma entrevista, de caráter qualitativa, através dos quais se pretende compreender a subjetividade da relação entre esporte e resiliência.

3.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Após a autorização dada a pesquisadora pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (Protocolo CEP/HULW 805/10; Folha de Rosto de Número 392967) a participante foi contatada para verificar a disponibilidade de realizar o trabalho em um momento mais adequado.

Ela foi informada que a colaboração seria de forma totalmente voluntária sendo assegurada a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido da participante (em anexo).

É corrente salientar que todas as informações agrupadas foram usadas única e exclusivamente para fins de pesquisa e mantidas em sigilo, garantindo desta forma o anonimato da participante.

4 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

4.1 REDES DE APOIO: A BASE DA RESILIÊNCIA

4.1.1 Entorno Familiar

O ambiente familiar promove o apoio afetivo e social, os quais fazem parte dos mecanismos de proteção que o indivíduo dispõe ou capta do ambiente em que se inter-relaciona e são elementos determinantes para a formação do resiliente.

Estes mecanismos são elementos determinantes para o entendimento da resiliência. Garnezy e Masten (1994 apud Cecconello; Koller, 2000), encontraram alguns que são considerados fatores de proteção para os indivíduos. Entre eles está o apoio afetivo que é transmitido pelas pessoas da família através de um vínculo positivo com os cuidadores é considerado um dos meios fundamentais para se desenvolver as características individuais do resiliente.

A participante deste estudo de caso afirmou ter vivenciado durante a infância em um ambiente familiar intenso, com forte participação dos parentes nas brincadeiras de infância e questões familiares. Ao ser questionada sobre as melhores lições que trouxe da infância para a vida adulta, logo frisou a relação familiar como um ambiente do qual trouxe boas experiências.

Schenker e Minayo (2005) ao afirmarem que a família tem o papel de inserir seus membros na cultura e ser instituidora das relações primárias, tendo influência na forma como o jovem reage às ofertas negativas que ocorrem na sua vida (como a de drogas), conclui que uma relação familiar saudável é um fator de proteção para toda a vida. O seguinte trecho da entrevista consolida esta hipótese:

“Ah! que a gente tem que aproveitar muito o tempo da infância porque é muito curto. E assim... são experiências que você leva pra o resto da vida... quando você tem uma infância boa, com a participação da família, (porque minha família é muito assim sabe?) por ser grande, são mais de sessenta netos, ou seja, então eu tenho sessenta primos. Então a gente foi, assim, educado na família, não precisava muito de amigos fora porque os primos já supriam essa parte de amizade. Então... assim, essa parte de brincar de pipa, de... de... de... todas essas brincadeiras da infância de

subir no pé pra tirar fruta. A gente fez toda essa parte. Então eu sinto muita saudade dessa parte, assim... e também, porque eu vivia. E eu percebo que hoje as crianças por viver, até assim, no computador *'perde'* muito isso. Até a parte da criatividade fica prejudicada.”

4.1.2 Entorno Social

A participante afirma que, no decorrer da infância e da adolescência, participou de diversos grupos sociais. Foi escoteira; começou a jogar handebol na infância, na escola e sempre manteve um cotidiano de atleta; participou de grupos de jovens e de orações na igreja.

A literatura afirma que o apoio afetivo é proporcionado para o homem no entorno social, onde ele se desenvolve e é educado, humanizado. Para Valla (1999) o envolvimento nos projetos da comunidade é um fator psicossocial que influencia na confiança pessoal, da capacidade de enfrentar problemas e na satisfação com a vida. Este envolvimento pode também se dá dentro do contexto do apoio social reforçando os laços deste. Em vários momentos da entrevista a participante confirma um envolvimento intenso, durante toda sua vida, em meios sociais, como nos trechos abaixo:

“Sempre. Sempre joguei. Era assim, no começo era grêmio ipê, depois passou pra late Clube da Paraíba, pra depois se tornar HCP (Handebol Clube da Paraíba).”

“Ah! Eu já fui escoteira. Quando eu era “pirralha né”?. Isso aí foi bom. Sinto saudade também do tempo de acampamento, eu fui até monitora. Na igreja eu fiz grupo de jovens, já participei de grupo de oração em casa. ‘Que’ eu fiz parte ‘da de’ Santa Júlia.”

Este envolvimento social é fundamental na formação do resiliente, pois nele são dados aos participantes diversos fatores protetivos. Amparo et al (2008) afirmam que o suporte mediador do risco no qual os jovens convivem corresponde a um conjunto de fatores protetores como boas relações pessoais, autoestima, bons relacionamentos com amigos, professores e a família, além de uma rede de apoio social e emocional recebidos. Estes fatores influem na resolução de eventuais problemas e a manutenção do desenvolvimento de uma vida saudável. Dão suporte ao resiliente.

4.1.2.1 Entorno Esportivo

O indivíduo que participa de grupos sociais, que desenvolvem atividades voltadas à educação, absorve muitos valores os quais se tornam características pessoais, vários deles são inerentes ao resiliente. O entorno esportivo é fator de proteção não só pela convivência afetiva e social proporcionada aos atletas, mas também, segundo Mello et al (2005) pelos benefícios proporcionados aos aspectos psicológicos, aos transtornos de humor (como a ansiedade e a depressão), e aos caracteres cognitivos como a memória e a aprendizagem. Vários trechos da entrevista apontam ter havido a prática de atividade física regular durante toda a vida da resiliente.

“... Eu jogo desde pequenininha”

“Jogos escolares, já fui campeã paraibana.”

“JUBs a gente ficou em terceiro.”

“... primeiro lugar no brasileiro de praia, de quadra eu já fiquei no segundo brasileiro.”

“Se eu não praticasse esporte! E principalmente por eu não fumar nem beber é que eu ‘tô’ viva hoje.”

Questionada sobre as lições trazidas para a sua vida, aprendidas dentro da quadra, a entrevistada respondeu que o pensar coletivo; a ajuda e o respeito mútuos; a valorização das suas qualidades e da dos companheiros; e diversos outros valores que ela tem foram adquiridos neste meio, como se pode observar no trecho a baixo:

“Assim... a questão da equipe, de você ver o grupo de você trabalhar em função daquele grupo. A questão mesmo de... de você ver o que pode fazer pra ajudar o grupo né? Porque geralmente a gente no dia a dia, a questão do individualismo né. A globalização tudo requer que você seja bem individualista. E no esporte não. Você aprende a... a dividir. Aprende a depender do outro. A questão de que não só depende de você a vitória né? Você depende do seu colega, então tem a questão de você ‘ta’ motivando seu amigo. A questão de você saber lidar com as pessoas. Porque é muito complicado, são várias cabecinhas ali então você saber lidar. Você ta jogando, você quer ganhar, então você fala de uma forma que machuca o outro. Então você aprende até a conviver com as pessoas, a respeitar os

limites dos outros e também você ensina as pessoas que lhe respeitem né? Os seus limites também. Respeitem você da forma que você é.”

Para Pinheiro (2004) um ambiente facilitador da resiliência deve ter estruturas coerentes e flexíveis; proporcionar respeito e reconhecimento, garantir privacidade; ser tolerante às mudanças; impor limites de comportamento definidos e realistas; manter comunicação aberta; ser tolerante aos conflitos; promover a reconciliação; ter sentido de comunidade e ser empático. A partir das afirmações feitas pela entrevistada, pode-se evidenciar que o ambiente esportivo possui diversas das características necessárias ao indivíduo resiliente.

Pesquisas apontam o desenvolvimento de vários valores, inerentes ao resiliente, os quais foram apontados pela atleta no entorno esportivo como a aceitação do corpo, maior autoestima e autoconfiança, motivação e competência social, aumento da noção de responsabilidade, o estabelecimento de metas para a vida (SANCHES, 2008).

Tamayo et al (2001) afirmam que os praticantes de atividade física regular tem mais autoconfiança, mais autocontrole e estão mais adaptados aos valores éticos e morais vigentes na sociedade. Estas afirmações podem ser confirmadas nas seguintes respostas dadas pela participante:

“Assim... o atleta, eu acho que ele tem que ter humildade. Assim, aquele atleta que, porque quando você é bom, você não precisa estar dizendo. Eu sou bom. Entende?”

“Então a pessoa ter a humildade de reconhecer que não foi só ele quem ganhou aquele jogo. Que ele dependeu do goleiro que ta defendendo, dependeu do seu colega passar aquela bola pra ele fazer o gol.”

“Assim... Eu sou muito calma né? Tem gente que joga comigo que fica até com raiva porque eu... eu fico muito tranqüila assim...”

Outros autores listam várias características pessoais adquiridas no resiliente em um ambiente esportivo. O autoconceito, uma imagem corporal positiva, por exemplo, são confirmados por diversos autores. É dito que estes são de fundamental relevância na autoestima e implicam diretamente na maneira como o homem se impõe às adversidades do cotidiano. Para Moura (2006) a prática de Atividades Físicas contribui na autosuficiência, forma maior independência nos participantes e aprimora os relacionamentos pessoais.

Moura et al (2006) afirmam que a imagem corporal de uma pessoa que tenha alguma deficiência é bem negativa. A atitude negativa com o corpo é na maioria das vezes generalizada e domina seu pensamento, muitas vezes de maneira negativa, sobre como a pessoa é vista pelos outros. O aumento do desempenho motor e os benefícios físicos trazidos ao praticante de Atividades Físicas regulares acarretam numa mudança positiva do autoconceito que é melhorado pela melhor aceitação de si mesmo que o esporte proporciona.

“Menina, eu vejo tanta menininha assim de quinze, dezesseis anos não tem o preparo físico que eu tenho.”

“Eu fico besta com as meninas cheias de celulite”

“Que eu não ligo mesmo com essa questão estética, mas você nota e como o jovem hoje, ele não ‘ta’ muito preocupado com, com a questão da saúde física mesmo.”

4.2 TRAUMA E RESILIÊNCIA

Todos os fatores protetores encontrados no convívio do ambiente familiar, afetivo e social, no qual o esportivo foi um dos mais importantes na formação da entrevistada são subsídios que fomentam a base da resiliência da mesma.

Esta teve mais de 30% do corpo incendiado pelo marido, que drogado jogou combustível e ateou fogo na esposa. Este foi o ápice de um casamento tenso, por causa do ciúme doentio do companheiro. Ela passou 41 dias internada na UTI de queimados do Hospital de Emergência e Traumas da Paraíba, onde várias vezes esteve entre a vida e a morte, foram cogitadas amputações e realizadas várias intervenções cirúrgicas e plásticas. Em diversos momentos da entrevista ela fala sobre a dificuldade que passou nesta fase da vida:

“Eu escutei, aí “apaguei” de novo só vim acordar cinco dias depois. Porque eu fiquei em coma induzido ‘entubada’ e tal. Aí passei 41 dias na UTI de queimado. Todo dia levando anestesia geral pra fazer curativo.”

“Eles cogitaram até ‘de amputar’ o braço. Foi, mas aí por eu ser atleta e não fumar a minha cicatrização era mais rápida e aí, foi por isso que sarou. “

“Eu tive início de pneumonia lá, lá no Trauma né? Eu fui ‘entubada’ duas vezes.”

“Não tem aquela aidética em estado terminal? (...) Só coro e osso. Ai eu sai com uma ferida aberta aqui atrás (nas costas embaixo do braço direito) que tinha que fazer outro enxerto.”

“É dor que eu pensei que um ser humano, ‘num’, ‘num’ pudesse aguentar.”

“Ainda ‘teve que fazer’ quatro plásticas, porque minha área de movimento criou uma brida, se chama brida: A pele vai endurecendo, então ela impede o movimento, vai puxando. Então, eu tive que tirar pele de onde eu fiz a cesárea pra poder colocar aqui (região da axila) pra poder levantar o braço porque só levantava até aqui (o braço não fazia abdução completamente). Aí fisioterapia direto... direto pra poder voltar os movimentos e tal.”

Ela afirma que durante o tratamento o que lhe era muito recomendado não se deixar abater, pois se ficasse depressiva morreria e que se motivava a sair do hospital pensando na sua filha.

Um evento traumatizante é um fator de risco que pode trazer sequelas para a vida do ser. Uma pessoa que passa por uma situação como esta é propensa a não voltar a viver o seu cotidiano como antes por causa da problemática física vivida que acaba gerando efeitos psicológicos negativos. No caso em questão se ela não fosse resiliente a sua própria sobrevivência estaria em risco, como a mesma afirma nos trechos abaixo.

“Se você ficar depressiva você morre, tudo era assim sabe? (...) Aí eu ficava o tempo todinho maior alto astral. Eu queria lá morrer! Eu tinha esse ‘tamanho de gente’ (se refere à filha) pra criar”

“Aí eu pedi pra levarem pra o hospital fotos dela (se refere à filha), porque quando dava aquele negócio eu olhava pra a foto e dizia não, não. Mas tem hora que você pede pra morrer.”

A literatura indica que em uma situação de risco os fatores protetivos construídos ao longo da vida vão subsidiar o resiliente lhe dando bases para superar o trauma. Para Cecconello e Koller (2000) o conjunto dos fatores de proteção, em um momento de necessidade, serve como um recurso para o indivíduo, auxiliando-o a ter bons resultados na interação com os eventos da vida e evitando consequências negativas.

A resiliente teve durante a vida o apoio afetivo promovido nos meios citados que lhe foi um fator protetor necessário na superação do trauma vivido. A prática esportiva lhe deu a motivação para recuperar todo o movimento dos membros superiores, o que segundo os médicos não seria possível, como a mesma fala:

“Um dos médicos ‘disseram’ que eu ia ficar com uma limitação no braço, que eu não ia conseguir voltar 100%. Ai eu disse: - O que? Meu filho pra mim não tem essa história de não, não. Na minha cartilha não existe Não.”

“Ajudou muito assim, na questão de que por eu gostar de jogar handebol até facilitou. Porque é diferente do que aquela coisa de quando você ‘ta’ fazendo fisioterapia que é aquela coisa. É uma depressão, porque é aquela coisa bem...”

“É demais (se refere à monotonia da fisioterapia). As horas passam bem devagar. E no handebol não por eu sentir prazer, então acelerou o meu processo de recuperação. Porque nos treinos eu ficava me forçando mais. ‘Tipo assim’, eu passei muito tempo com a brida (que impedia toda a amplitude dos movimentos feitos pelo braço direito), esse braço, então eu perdi um pouco da força. Eu forcei muito o esquerdo (braço esquerdo) e jogo... eu consigo jogar com as duas mãos assim... Na quadra eu ficava até me superando. Eu pegava aquela bola, medicine bol, e começava a me exercitar pra voltar a ter força.”

O meio esportivo tem possibilidades para aumentar a capacidade de resiliência dos educandos uma vez que lhes confere uma boa projeção de futuro. Sanches (2008) afirma que o ambiente esportivo efetiva a promoção da saúde psicológica dos atletas, aumenta diversos fatores de proteção, diminui os de risco e promove a resiliência dos participantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da inter-relação entre as pesquisas, vistas neste trabalho, da área da psicologia relativas às características inerentes a um ambiente que pode ser conceituado como fator de proteção com as pesquisas referentes aos benefícios da prática esportiva (que em vários lugares do mundo já é utilizada a fim de sanar ou ao menos amenizar certas questões sociais) pode se concluir que o ambiente esportivo pode contribuir com o desenvolvimento e/ou o desabrochar de vários fatores de proteção que em um momento de estresse são a base do resiliente através da qual ele tira as forças necessárias pra lutar e vencer obstáculos.

A entrevista feita neste trabalho confirma esta inter-relação, pois a resiliente em questão, participante da pesquisa deste trabalho, teve durante a sua formação um convívio intenso em diversos grupos sociais. Dentre eles, o esportivo foi o que ela participou por mais tempo e com maior intensidade durante sua vida. Na entrevista ela afirma jogar handebol desde o ensino fundamental e hoje com 38 anos de idade ainda treina regularmente, participa de campeonatos e tem em sua bagagem diversos títulos.

Durante todo este tempo de convívio esportivo com o handebol, e pelo caráter educador que o mesmo tem, diversas das características individuais inerentes ao resiliente foram absorvidas pela atleta. Esta tem um autoconceito positivo, se considera uma pessoa calma e racional, mantém boas relações pessoais, tem autoestima positiva, é autoconfiante, possui competência social, é capaz de enfrentar problemas e é bem resolvida na sua vida pessoal.

A mesma é considerada resiliente, pois enfrentou um trauma o qual deixou sequelas físicas que não sanarão durante sua vida, mas adaptou-se a sua nova aparência física e por ser autodeterminada, e obstinada, reagiu a doença e ao tratamento superando as expectativas dos médicos. Como era de se esperar todas as características pessoais adquiridas ao longo do convívio social esportivo a deram a sustentabilidade necessária para a sua resiliência.

A partir da observação dos dados obtidos neste estudo de caso pode se afirmar que a psicologia esportiva atual precisa modificar a visão que tem do fenômeno esportivo e conseqüentemente a maneira com que atua. Esta ciência foca sua atuação no mercado esportivo e não analisa este fenômeno em suas diversas

consequências ao homem. Sua intervenção pode ser feita em sentido contrário ao atual: Do esporte para uma intervenção na psicologia positiva, pois a prática física e suas inter-relações humanas tem subsídios para formar cidadãos de boa convivência social e familiar, além de uma estrutura psicológica saudável.

É necessário que os profissionais de educação física tenham noção de todas as variáveis nas quais seu trabalho tem influência. Assim estes poderão promover a plenitude da educação do seu aluno, a qual vai muito além da motricidade. A prática esportiva, por ser um elemento educacional que se desenvolve também a partir de relações pessoais, subsidia diversos fatores protetores aos praticantes os dando elementos necessários a superação de um trauma. Forma indivíduos resilientes.

REFERÊNCIAS

- ABIB, J. A. D. prólogo à história da psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, v. 21, n.1, p. 53-60, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v21n1/a08v21n1.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2010
- ALBUQUERQUE, A. E. R, **A Influência da Satisfação das Necessidades Psicológicas Sobre a Motivação Autodeterminada de Jovens Atletas de Futsal**, João Pessoa: UFPB, 2010
- ALVES, P. B. **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos Naturais e Planejados. Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200013> Acesso em: 04 dez. 2010
- AMPARO, D. M.; GALVÃO, A. C. T.; ALVES, P. B.; BRASIL, K. T.; KOLLER, S. H. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: Redes de Apoio Social e Fatores Pessoais De Proteção. **Estudos de Psicologia**, Rio Grande do Sul. v. 13, n. 2, p. 165-174, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/09.pdf>> Acesso em: 10 dez. 2010
- BOTELHO, A. F; O desenvolvimento da autoestima através da educação física e do esporte: tendo como base a realização do programa segundo tempo, Fortaleza: UNB, 2006. Disponível em:** <http://www.jemg.mg.gov.br/imgdb/documentos_cidades/DOI_FILE20070528100624.pdf> Acesso em: 07 fev. 2011
- BRASIL. Lei nº 9. 615, de 24 de março de 1998. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 mar 1998. Seção 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9615consol.htm> Acesso em: 05 jun. 2011
- CAMBAÚVA, L. G.; SILVA, L. C.; FERREIRA, W. Reflexões sobre o estudo da história da psicologia. **Estudos de Psicologia**. Paraná, v. 3, n. 2, p. 207-227, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v3n2/a03v03n2.pdf>> Acesso em: 05 de jan. 2011
- CECCONELLO, A. M; **Resiliência e Vulnerabilidade em Famílias em Situação de Risco**. In Porto Alegre: UFRS, 2003.

CECCONELLO, A. M.; KOLLER, S. H. Competência social e empatia: Um Estudo Sobre Resiliência com Crianças em Situação de Pobreza. **Estudos de Psicologia**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 71-93, 2000.

DESLANDES, S. F.; JUNQUEIRA, M. F. P. Resiliência e maus tratos à criança. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro. v. 19, n. 1, p. 227-235, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2003000100025&script=sci_abstract&tlng=en> Acesso em: 10 de abr. 2011

EPIPHANIO, E. H. Psicologia do esporte: Apropriando a Desapropriação. **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 70-73, 1999. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98931999000300008&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 20 de mar. 2011

FERREIRA, D. K. S. Produção e veiculação do conhecimento em educação física: Plano de Ensino e Textos de Apoio. João Pessoa, 2010

GERGEN, K. J.; BOECHAT, F. M.; PORTUGAL, F. T. A psicologia social como história. **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 475-484, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000300018&script=sci_arttext> Acesso em: 10 de mai 2011.

GILL, D.; WILLIAMS, L. Psychological Dynamics of Sport and exercise. Champaign, IL: Human Kinetics. 3ª Ed. 2008

MAIA, J. M. D.; WILLIAMS, L. C. A. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: Uma Revisão da Área. **Temas em Psicologia**, São Carlos. v. 13, n. 2, p. 91-103, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200002> Acesso em: 10 de mai. 2011

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. **A abordagem ecológica de urie bronfenbrenner em estudos com famílias. Estudos e Pesquisa em Psicologia**, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v4n1/artigos/Artigo%205%20-%20V4N1.htm>>. Acesso em: 09 nov. 2010.

MELLO, M. T.; BOSCOLO, R. A.; ESTEVES, A. M.; TUFIK, S. O exercício físico e os aspectos psicobiológicos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo. v. 11, n. 3, p. 203 – 207, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v11n3/a10v11n3.pdf>> Acesso em: 05 de mar. 2011

MOURA, W. L.; BENDA, R. N.; NOVAES, J. S.; TUBINO, M. J. G. O Atletismo no desenvolvimento de crianças portadoras de necessidades especiais: Um Exemplo de Sucesso. **Motricidade**, Minas Gerais. v. 2, n. 1, p. 53-61, 2006. Disponível em: <http://www.revistamotricidade.com/arquivo/2006_vol2_n1/v2n1a06.pdf> Acesso em: 17 de mai. 2011

NORONHA, M. G. R. C. S.; CARDOSO, P. S.; MORAES, N. P.; LOURDES, T. C. M. Resiliência: Nova Perspectiva na Promoção da Saúde da Família? **Ciência e Saúde Coletiva**, Brasil. v. 14, n. 2, p. 497-506, abril, 2009.

NUNES, P. **Psicologia Positiva**. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 2007.

PESCE, R. P.; ASSIS, S. G.; SANTOS, N.; OLIVEIRA, R. V. C. Risco e proteção: Em Busca de um Equilíbrio Promotor de Resiliência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 135-143, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a06v20n2.pdf>> Acesso em: 17 de Nov de 2010.

PINHEIRO, D. P. N. A Resiliência Em Discussão. *Psicologia em Estudo*, **Maringá**, v. 9, n. 1, p. 67-75, 2004.

RUBIO, K. A psicologia do esporte: Histórico e Áreas de Atuação e Pesquisa, **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 60-69, 1999. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98931999000300007&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em: 03 de mar. 2011

RUBIO, Ka. Ética e compromisso social na psicologia do esporte. **Psicologia Ciência E Profissão**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 304-315, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932007000200011&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso em: 14 de mar. 2011.

RUBIO, Kátia. da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte [online]**. 2007, vol.1, n.1, p. 01-13.

RUTTER, M. (1999). Resilience concepts and findings: implications for family therapy.

SANCHES, S. M. A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência. **Revista Brasileira de psicologia do Esporte**, São Paulo, v.1, n.1, p.

1-15, 2008. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1981-91452007000100013&script=sci_abstract >. Acesso em: 13 dez. 2010.

SANCHES, S. M.; DÍAS, J. D. Um olhar positivo sobre a psicologia do esporte: Contribuições da Psicologia Positiva. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1981-91452008000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 mar. 2011.

SANCHES, S. M.; RUBIO, K. Reflexões sobre o conceito de resiliência: Superando Adversidades No Contexto Esportivo. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 92-98, 2010. Disponível em: <<http://www.polemica.uerj.br/ojs/index.php/polemica/article/viewFile/26/58>> Acesso em: 15 mar. 2011.

SANTOS, C. M. G. **Motivação e Esporte: Um Programa de Intervenção das Metas de Realização em Jovens Atletas**. Brasília: UNB, 2007

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S.; Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. v. 10, n. 3, p. 707-717, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n3/a27v10n3.pdf> >. Acesso em: 02 fev. 2011.

SILVA, M. C; LIMA, M. P. A prática de futsal por meninas: Uma Medida Importante para Aumentar a Resiliência de Crianças e Adolescentes em Situação de Vulnerabilidade Social. **Estudos IAT**, Salvador, v.1, n.1, p. 109-121, 2010. Disponível em: <<http://estudosiat.sec.ba.gov.br/index.php/estudosiat/article/viewFile/9/45>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

SIQUEIRA, A. C.; BETTS, M. K.; DELL'AGLIO, D. D. A rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no sul do Brasil. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**. Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 149-158, 2006. Disponível em: <<http://www.psicorip.org/Resumos/PerP/RIP/RIP036a0/RIP04017.pdf> >. Acesso em: 22 abr. 2011.

SOUZA FILHO, P. G. O que é a Psicologia dos Esportes. **Revista Brasileira Ciência e movimento**, Brasília, v. 8, n. 4, p. 33-36, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v6n2/7270.pdf> >. Acesso em: 28 abr. 2011.

TABOADA, N. G.; LEGAL, E. J.; MACHADO, N. Resiliência: Em Busca de um Conceito. **Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano**. Santa Catarina, v. 16, n. 3, p. 104-113, 2006. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=446476&indexSearch=ID> >. Acesso em: 15 mar. 2011.

TAMAYO, A.; CAMPOS, A. P. M.; MATOS, D. R.; MENDES, G. R.; SANTOS, J. B.; CARVALHO, N. T. A influência da atividade física regular sobre o autoconceito. **Estudos de Psicologia**, Brasília. v.6, n. 2, p. 157-165, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v6n2/7270.pdf> >. Acesso em: 28 abr. 2011.

VALLA, V. V. Educação popular, saúde comunitária e apoio social numa conjuntura de globalização. **Caderno de. Saúde Pública [online]**. Rio de Janeiro. V. 15, n. 2, p. 7-14, 1999. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v15s2/1283.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2011.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: O Foco no Indivíduo e na Família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, n. esp, p. 75-84, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf>> Acesso em: 10 de Nov. de 2010.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva & grounded-theory: Estratégias Metodológicas para Compreensão da Resiliência em Famílias. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, v. 39, n. 3, p. 000-000, 2005.

ZOCATELI, V. **Resiliência e Prática Desportiva/; um estudo com jovens brasileiros e portugueses**. In. Porto: Universidade do Porto, 2010. Disponível em:

APÊNDICE

APÊNDICE A
ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA, EXCLUSIVAMENTE ELABORADA
PARA ESTE TRABALHO

Entrevistador	Nome completo não precisa, porque não precisa divulgar. A data de nascimento pra a gente saber a sua idade.
Entrevistado	04 do 05 de 73
Entrevistador	Se você se formou, a sua formação profissional.
Entrevistado	Sou psicóloga.
Entrevistador	E é? (risos) 'hamhamhamham' E eu jogando minhas conversas... 'hamhamhamham' Sempre morou aqui?
Entrevistado	Rapaz, já morei em tanto canto. Já morei na Torre, mas sempre essa casa foi da gente. Porque quando assaltaram aqui a gente foi pra Manaíra.
Entrevistador	Hum.
Entrevistado	Mentira foi no Expetcionários. Ai quando assaltaram a casa a gente foi pra Manaíra. Ai como em Manaíra era prédio... Ai depois a gente voltou pra cá.
Entrevistador	Nasceu em João Pessoa 'né'?
Entrevistado	João Pessoa.
Entrevistador	Tem irmãos?
Entrevistado	Tenho dois, um mais novo um ano e um mais velho.
Entrevistador	Com quem tu viveu na infância?
Entrevistado	Sempre morei com a minha mãe, no caso meus pais são separados.
Entrevistador	Seus pais são separados. E você tem contato com ele?
Entrevistado	Hum. Não, meu pai mora em Manaus.
Entrevistador	É, melhores recordações da escola.
Entrevistado	Melhores recordações da escola, assim... Ah, tempo de colégio. Eu estudava no marista, ai tinha negócio de olimpíadas, tinha de jogos. Eu comecei a jogar handebol lá. De lá pra cá não deixei.
Entrevistador	Uhum. O esporte participou da sua vida toda então né?
Entrevistado	É.
Entrevistador	Qual a melhor e lição que você tirou da infância, das suas boas recordações?
Entrevistado	Ah, que a gente tem que aproveitar muito, o tempo da infância porque é muito curto. E assim são experiências que você leva pra o resto da vida. E assim quando você tem uma infância boa, com a participação da família, porque minha família é muito assim sabe, por ser grande, são mais de sessenta netos, ou seja, então eu tenho sessenta primos. Então a gente foi, assim, educado na família, não precisava muito de amigos fora porque os primos já supriam essa parte de amizade. Então, assim, essa parte de brincar de pipa, de de de todas essas brincadeiras da infância de subir no pé pra tirar fruta. A

	gente fez toda essa parte. Então eu sinto muita saudade dessa parte, assim, e também, porque eu vivia. E eu percebo que hoje as crianças por viver, até assim, no computador 'perde' muito isso. Até a parte da criatividade fica prejudicada.
Entrevistador	Hoje as crianças também não tem as oportunidades que a gente teve de brincar na rua.
Entrevistado	Pois é.
Entrevistador	E na adolescência também. Você tinha muitos amigos?
Entrevistado	Na adolescência também, eu já vivia aqui né. O esporte também. Isso ai facilita.
Entrevistador	Tu sempre jogou no HCP?
Entrevistado	Sempre. Sempre joguei. Era assim, no começo era grêmio ipê, depois passou pra late Clube da Paraíba, pra depois se tornar HCP.
Entrevistador	Os colégios onde você estudou. Toda vida Marista?
Entrevistado	Eu estudei assim: O jardim e a alfa, antes era o Chapeuzinho Vermelho. Ai depois, depois, da primeira série até o terceiro ano foi no marista.
Entrevistador	E o curso você fez aqui?
Entrevistado	É na Federal.
Entrevistador	Psicologia né?
Entrevistado	Psicologia.
Entrevistador	E se você já participou de outros grupos sociais? Assim, se você já participou de grupos de igreja...
Entrevistado	Ah. Eu já fui escoteira. Quando eu era pirralha né? Isso ai foi bom, sinto saudade também do tempo de acampamento, eu fui até monitora. Na igreja eu fiz grupo de jovens, já participei de grupo de oração em casa. Que eu fiz parte da de Santa Júlia.
Entrevistador	Como começou o handebol?
Entrevistado	O handebol foi no colégio.
Entrevistador	Aí, a quanto tempo tu joga? É desde criança?
Entrevistado	Uhum. Eu jogo desde pequenininha.
Entrevistador	Qual foi sua primeira impressão sobre o handebol? E se 'tu tem' a mesma até hoje? Tu lembra?
Entrevistado	Hum. É assim como eu jogava baleado...
Entrevistador	Hum.
Entrevistado	... Eu tinha muita força na mão, então eu tinha uma colega que me disse: V. (nome da entrevistada) - Tu tem muita força na mão, devia jogar handebol. Aí eu fui lá olhar o treino né,? Eu di... eu disse, ai eu falei com o técnico. Ai disse que queria treinar: - Como é? (Treinador) -Você dá os três passo e arremessa. Aí, (A entrevistada): Oxe! -É muito fácil fazer o gol ali, é muito fácil. Ai comecei a treinar né? Aí ele disse: V. na central (posição de ataque). Aí me colocaram pra central. Aí eu já fui chamada pra a seleção. Daí foi. Agora engraçado, eu comecei jogando na linha, só que aí do time da gente, como a goleira da gente era muito

	fraca a gente 'morria' de fazer gol, mas levava 'mais gol' do que fazia. Aí eu cheguei pra ele e disse assim: -Eu vou pra o gol porque não agüento mais perder.
Entrevistador	E tu é 'altona' né?
Entrevistado	É. Aí e (fala do treinador) a gente vai perder a atacante? (fala de V.): - Do que adianta se a gente leva tanto gol. Deixa eu ir pra o gol! Aí fui, achei super fácil. Aí terminou que eu fui convocada pra seleção, e de lá até hoje eu 'to' jogando.
Entrevistador	Hum... Participou de muitas competições? Quais as mais importantes pra você?
Entrevistado	Título foi primeiro lugar no brasileiro de praia. De quadra eu já fiquei no segundo, brasileiro.
Entrevistador	Escolares...
Entrevistado	Jogos escolares já fui campeã paraibana.
Entrevistador	Uhum. Chegou a disputar JUBS (Jogos Universitários Brasileiro) ?
Entrevistado	JUBS a gente ficou em terceiro. No Último ano não teve JUBS. Era meu ultimo ano de faculdade. Era a chance da gente ganhar, mas ai.
Entrevistador	Quais são as maiores lições que o esporte lhe trouxe que você leva pra a sua vida cotidiana?
Entrevistado	Assim, a questão da equipe, de você ver o grupo de você trabalhar em função daquele grupo. A questão mesmo de... de você ver o que pode fazer pra ajudar o grupo né? Porque geralmente a gente no dia a dia, a questão do individualismo né? A globalização tudo requer que você seja bem individualista e no esporte não você aprende a... a dividir. Aprende a depender do outro. A questão de que não só depende de você a vitória né? Você depende do seu colega, então tem a questão de você 'ta' motivando seu amigo. A questão de você saber lidar com as pessoas. Porque é muito complicado, são várias cabecinhas ali, então você saber lidar. Você 'ta' jogando, você quer ganhar, então você fala de uma forma que machuca o outro. Então você aprende até a conviver com as pessoas, a respeitar os limites dos outros e também você ensina as pessoas que lhe respeitem né? Os seus limites também. Respeitem você da forma que você é.
Entrevistador	É. Atributos físicos. Quais as características que você que tem por causa do esporte?
Entrevistado	Ah, minha filha! Se eu não praticasse esporte! E principalmente por eu não fumar nem beber é que eu 'to' viva hoje.
Entrevistador	Aham
Entrevistado	Porque pelo que aconteceu comigo, foi o que o médico disse: - Minha filha, a sua sorte é que você 'nem fuma nem bebe', que você tem um preparo físico bom, você tem uma resistência assim... Então o atleta ele até se sobressai sobre as pessoas que não praticam esporte, a pessoa

	ociosa. Porque assim uma pessoa ociosa ela tem tendência a desenvolver o que? Problemas de circulação, agora até assim tem essa nova doença da questão de você sentir dores nas articulações. Né?
Entrevistador	Aham. E a gente. Não por uma questão estética, mas fisiologicamente mesmo né?
Entrevistado	Com certeza.
Entrevistador	Uma pessoa de trin... uma pessoa que foi atleta a vida toda com setenta anos de idade tem a condição física de uma de trinta que não faz nada. Então a qualidade de vida vai lá pra cima
Entrevistado	Menina, eu vejo tanta menininha assim de quinze, dezesseis anos não tem o preparo físico que eu tenho.
Entrevistador	E fisicamente mesmo.
Entrevistado	Eu fico besta as meninas cheias de celulite.
Entrevistador	Hahaha
Entrevistado	Que eu não ligo mesmo com essa questão estética, mas você nota e como o jovem hoje, ele não 'ta' muito preocupado com, com a questão da saúde física mesmo.
Entrevistador	E eu acho assim, que eles ainda não percebem o malefício que trazem pra si porque se as meninas com quinze anos de idade soubessem o que é ter quinze anos de idade não faziam. E a tendência hoje em dia até do 'problema de obesidade' aumentando de uma maneira incrível.
Entrevistado	É. A questão da alimentação também. [...]
Entrevistador	Aham.
Entrevistador	Como você se define como atleta... assim acho q já foi respondido pela questão da convivência em grupo. Sim Quais as características que você acham mais deprimente no atleta?
Entrevistado	Assim... O atleta... Eu acho que ele tem que ter humildade. Assim... Aquele atleta que, porque quando você é bom, você não precisa estar dizendo: - Eu sou bom. Entende?
Entrevistador	Uhum
Entrevistado	Seus próprios atos já falam por você. Então aquelas pessoas 'tipo assim' o estrelismo né?
Entrevistador	Aham
Entrevistado	Eu acho que não tem nada haver e principalmente em esportes que são de equipe. Assim a gente pega que sempre tem aquela pessoa que se sobressai mais. Aquela que arma a jogada que faz mais gols. Então a pessoa ter a humildade de reconhecer que não foi só ele quem ganhou aquele jogo. Que ele dependeu do goleiro que ta defendendo, dependeu do seu colega passar aquela bola pra ele fazer o gol. Então eu acho assim, que o espírito de equipe. Que não tem isso minha filha pra mim é...
Entrevistador	Não é atleta né?
Entrevistado	Não.

Entrevistador	Lugares onde treinou... Você já falou o desenvolvimento todo até chegar à HCP. Quais os dias de treino e quantas horas treina por sessão?
Entrevistado	Quantas vezes assim, quando a gente 'ta' em treinamento, quando não 'ta' perto de competição a gente treina 3 vezes por semana, num intervalo, são de duas horas e meia a três horas. Quando 'ta' em competição aí aumenta. A gente treina quase que diariamente, só não sábado e domingo.
Entrevistador	Posição em que joga, goleira, porque escolheu já disse. Hoje você ainda participa de competições? Sim. Faz quanto tempo que jogam juntas. Como o grupo que joga hoje?
Entrevistado	Porque assim, muita gente saiu. Do grupo de origem mesmo eu acho que só tem umas duas ou três pessoas.
Entrevistador	Que jogam contigo a quanto tempo?
Entrevistado	Eita! Deixa eu ver... Do HCP. Uns vinte anos visse?
Entrevistador	Como é a sua relação com as atletas da equipe? Se você tem amizade com elas fora de quadra, se frequentam a sua casa, se vocês saem juntas...
Entrevistado	É, sempre tem aquelas pessoas que você tem mais afinidade até por parecer com você, com o seu jeito fora de quadra né?
Entrevistador	Uhum.
Entrevistado	Então assim E. e G. são minhas amigas dentro e fora da quadra. A gente sempre que marca um churrasco eu vou pra a casa da G. Quando tem aniversário da minha menina eu mando chamar os meninos delas. E. também, então a gente ta sempre junto. Até quando viaja, fica aquela 'vamos tirar as panelinhas, separar os grupinhos', porque a gente tem aquele jeito parecido, porque a gente tem filho, então até a questão dos filhos que as outras ainda não tem. A idade, a gente tem a idade aproximada. As meninas são mais novas que eu três anos. Então é aquela 'coisa assim' a gente é mais próxima.
Entrevistador	Você recebe algum incentivo?
Entrevistado	Vou começar a receber agora o Bolsa Atleta. E 'ta' atrasado desde, esse bolsa atleta é referente ao ano passado que a gente ficou em quinto lugar. O Brasileiro foi em Brasília né que a gente foi. Aí essa ano a gente ficou em segundo no brasileiro, já garantiu a bolsa do ano que vem. Mas assim: Antes de ser campeã brasileira a gente não recebia nada, muito pelo contrário. a gente que tinha que correr atrás.
Entrevistador	O que você acha do seu desempenho como jogadora? Que característica que você tem que sabe ser uma virtude? Uma qualidade? Um traço forte?
Entrevistado	Assim... Eu sou muito calma né? Tem gente que joga comigo que fica até com raiva porque eu... eu fico muito tranquila assim e... e uma característica... Assim... Eu

	tenho visão de quadra então, eu pego a bola, vejo uma pessoa longe já lanço, aviso as coisas.
Entrevistador	Goleira. Então vamos começar agora com o moído. O evento traumatizante a história, o babado. Onde e como você conheceu seu ex-marido. Ele chegou a ser marido né?
Entrevistado	É. Eu o conheci através de uma amiga minha que o namorado dela era amigo dele.
Entrevistador	Vocês se conheceram aqui em JP?
Entrevistado	Em JP foi.
Entrevistador	E qual a idade que vocês tinham quando se conheceram?
Entrevistado	Eu tinha trinta, ia fazer trinta
Entrevistador	Uhum. Quanto tempo demoraram pra começar a namorar?
Entrevistado	Ah! Quando a gente se conheceu. Aí passou, acho que demorou uma semana pra a gente começar a namorar, aí passou uns três meses e eu fiquei grávida. Aí ele querendo casar e eu: - Não! Não! Vamos com calma. Já aconteceu isso porque tinha que acontecer. Agora casar eu 'não quero não' agora. Aí a gente passou o período da gravidez. Aí depois que eu tive A. L. (nome da filha) e quando ela foi fazer um ano. Porque assim, a partir da gravidez começou o ciúme doentio. Ele mudou. Menina porque ele sabia que eu jogava, então vivia viajando, então era aquela coisa 'bem light' sabe?
Entrevistador	Aham.
Entrevistado	Foi que começou a achar que todos os homens estavam olhando pra mim (no período da gravidez). Eu dizia: - Menino, eu to grávida! –Tem homem que gosta de mulher grávida. (resposta dele). Aí quando a menina nasceu, eu disse: -Pronto, que vou trabalhar. Ele ficava controlando o horário, ficava ligando de hora em hora pra o trabalho, querendo saber se eu tava lá, a hora que eu tinha chegado. Olhe! Era assim, uma coisa que assim. Ele não queria que eu usasse perfume, me maquiasse. E eu trabalhava em um setor de gerência então tinha que ter uma boa aparência.
Entrevistador	Lógico.
Entrevistado	Era aquela coisa, ficava aquele negocio sufocante. Aí chegou um dia que ele bebeu e quis me bater. Aí eu peguei minha filha, prestei queixa na delegacia da mulher. Aí a família, aquela história: - Não, dê uma segunda chance, não sei que, não sei que. Ai eu disse: -Olhe, homem que bate em mulher é a pior raça que tem. Eu não admito ninguém encostar um dedo em mim, mas aí ficava a família dele a minha família, não 'vamo' ver. Aí a gente volta.
Entrevistador	Ele era mais agressivo quando bebia? Mais agressivo verbalmente e fisicamente?
Entrevistado	Era, era.

Entrevistador	Mas no começo, tinham coisas boas nele?
Entrevistado	No começo era assim ele cozinhava pra mim, cozinhava altos pratos era aquela coisa. Me ajudava a cuidar da menina 'tal'. Mas aí, aí tudo bem. Teve a história do episódio que aconteceu depois do aniversário dela (a filha) de um ano. Aí ele chegou pra mim, a gente teve uma discussão em nem me lembro porque foi que começou, só sei que eu disse a ele que não dava mais. Aí ele tinha uma van de criança, uma van de transporte escolar. Aí a gente tava na casa da mãe dele. Aí eu disse: - Não, não dá mais certo. E Ele: - O que é que eu vou fazer da minha vida sem você? Eu disse: - Existem outras pessoas.
Entrevistador	Tu como psicóloga, quais os traços que tu conhecia nele? Alguma psicose. O ciúme doentio em sí?
Entrevistado	Sim o ciúme doentio, mas aí depois de tudo o que aconteceu que eu vim descobrir que ele era usuário de drogas.
Entrevistador	Aham.
Entrevistado	E depois o que ocasionou foi que ele estava usando craque. Que depois que aconteceu a desgraça todinha é que as pessoas vem lhe dizer as coisas né?
Entrevistador	E ele sempre escondeu de tu?
Entrevistado	Sempre.
Entrevistador	Aham.
Entrevistado	Menina, ele era um artista. Porque nem na família, ninguém percebia nada. Aí fui pra casa. Aí sim, ele queria virar o carro, eu disse: - Menino você 'ta' doido! Ai eu consegui sair, peguei um taxi com a minha filha e vim pra casa. Aí no outro dia de manhã bem cedinho eu tava pronta pra ir trabalhar. Aí ele bate ai na frente, foi aqui nessa casa. Ai tava batendo no portão, ai: -V. V. V! (fala do ex-marido a chamando) Aí Eu disse: Não, não, depois agente conversa! E ele: Não, não! Venha cá! 'Não sei que, não sei o que'. E eu: Depois a gente conversa. Aí ele: - Não, eu só quero combinar com você as visitas da menina. Ai eu disse: -Não. Depois a gente conversa. Aí ele saiu, aí depois ele volta de novo.
Entrevistador	Você 'tava' só?
Entrevistado	'Tava' eu, minha irmã, a minha filha e o filho da minha irmã. Minha mãe tava viajando pra o interior, fazendo campanha. Aí ele volta e faz: -Não, não! Eu só quero falar com você, marcar os horários de visita da menina. Eu fiz: - Então ta certo. Minha irmã tava tomando banho. Eu não escutei ela gritar... ela gritou: -Não vá não, não abra não. Ela sentiu alguma coisa. Mas 'tá', eu nunca ia imaginar que ele ia ser capaz disso. Quando eu chego no portão, o carro estava estacionado (a garagem é pequena e há pouco espaço para as pessoas entrarem) assim. Aí eu tava com o portão aberto. Ele tava com dois litros de combustível. Dois litros de álcool numa garrafa.

Entrevistador	Aí fora te esperando.
Entrevistado	<p>Era, já esperando. Quando eu vi, aí já deu 'aquele negócio' assim em mim e eu comecei a gritar. Aí veio de 'lá pra cá' (atravessou a garagem, entrou no terraço) ele correndo atrás de mim. Eu ainda tentei fechar a porta, mas quando eu fui fechar ele deu uma 'pesada' e abriu a porta aí passou o corredor. Chegou lá na frente, na sala tem um banheiro, aí minha irmã tava saindo do banheiro. Eu já estava toda ensopada de álcool. E ele tentando riscar o fósforo e não conseguiu. Minha irmã saiu do banheiro gritando, gritando. E disse: -O que foi? O que foi? -Ele jogou álcool em mim, responde V. Ai ela disse: - Eu disse que você não abrisse a porta!</p> <p>Ele derrubou ela (a irmã de V.) no chão e começou a chutar ela. Aí eu peguei, dei aquela gravata nele. Ele conseguiu se soltar né! Aí ele riscava e eu dava tapa na mão dele. Dava tapa, dava tapa, dava tapa. Aí minha irmã disse que viu, que quando ela olhou, minha filha tava no corredor engatinhando. Porque ela ainda não andava. Veio engatinhando e chorando no corredor. Aí ela pegou a menina correu pra o quarto dela e trancou ela e com o meu sobrinho, mandou ele calar a boca e foi pra o meio da rua correndo. Gritando e pedindo socorro. Aí no instante que ela tava lá veio aquele negócio na minha cabeça: 'Deixa ele ascender'. 'Eu sei que' ele ascendeu. Aí quando ascendeu o fogo subiu Aí eu gritei e ele saiu correndo. Aí ele foi embora. Aí eu corri pra o banheiro, porque eu fiz curso de primeiros socorros, 'tal', brigada de incêndio. Mas na hora do desespero... Aí, assim, corri pra o banheiro, mas não era pra ter corrido, aí que a chama sobe. Aí tinha uma rede na sala, que eu sempre gostava de botar ela (a filha) pra dormir balançando na rede. Aí bati na rede e cai no chão. Ai passei por debaixo da rede, entrei no banheiro, liguei o chuveiro e comecei a tirar a roupa. Tirei a roupa toda porque se não ia ficar pregada. Quando eu entro no chuveiro é que desce a pele, morta, caindo .</p>
Entrevistador	O procedimento era só pra tu ter abafado com...
Entrevistado	Um pano e depois tirar a roupa, porque você tem que tirar mesmo. porque se não ela gruda.
Entrevistador	Aham.
Entrevistado	Aí eu liguei o chuveiro e calculei uma posição, porque eu sabia que ia desmaiar. Calculei pra que quando eu caísse a água viesse no meu rosto e eu não morresse afogada né?
Entrevistador	Aham.
Entrevistado	Ai minha irmã veio desesperada chegou, e disse: O que eu faço? E eu: -Ligue pra o samu!
Entrevistador	A pessoa...
Entrevistado	-Não, não sei o número. -Ligue pra Tia Babá que ela sabe. E eu dizendo a ela e ela fazendo. Eu apaguei. Quando

	<p>acordei o SAMU já 'tava' aqui. Aí eles dizendo que estavam colocando aquele alumínio e fazendo todo o procedimento. Aí apaguei. Só acordei de novo dentro da ambulância. Eles tentando acesso venoso e não conseguiam. Aí pararam a ambulância na 'BR' e ele conseguiu. Aí eu desmaiei de novo pronto, quando eu acordei de novo 'tava' no corredor do trauma. Ai: (alguém falando) -Tem que conseguir um quarto! Eu escutei, aí apaguei de novo, só vim acordar cinco dias depois. Porque íeu fiquei em coma induzido 'entubada e tal'. Ai passei 41 dias na UTI (Unidade de Tratamento intensivo) de queimados, todo dia levando anestesia geral pra fazer curativo.</p>
Entrevistador	Porque se não...
Entrevistado	Não agüenta não. A dor é muito grande
Entrevistador	Queimadura até de terceiro grau né.
Entrevistado	<p>É que aqui nesse braço (direito). Eles cogitaram até de amputar o braço. Foi, mas aí por eu ser atleta e não fumar a minha cicatrização era mais rápida e ai, foi por isso que sarou. O médico disse: Minha filha, se você fosse fumante não ia agüentar nem chegar aqui. Porque o tanto de fumaça que você inalou. Eu tive início de pneumonia lá (na UTI DO Hospital de Emergência e Trauma), lá no 'trauma' né. Eu fui 'entubada' duas vezes. Foi, foi... Eu, eu tive que receber alta antes do tempo porque o médico disse que eu não 'tava' mais evoluindo meu quadro. Porque eu estava muito debilitada, a comida não entrava mais e o ambiente hospitalar você perde a noção de tempo e espaço. Não tem aquela aidética em estado terminal?</p>
Entrevistador	Uhum.
Entrevistado	<p>Só coró e osso. Ai eu sai com uma ferida aberta aqui atrás (nas costas embaixo do braço direito) que tinha que fazer outro enxerto. Mas como eu tava muito magra, o médico disse que tinha medo de eu não agüentar a cirurgia. Aí ele disse: -Vai pra casa, quando tiver mais forte um pouquinho volta pra fazer enxerto. Aí fui pra casa, e sei que passou seis meses pra poder fazer novo enxerto. Ainda teve que fazer quatro plásticas porque minha área de movimento criou uma brida, se chama brida. A pele vai endurecendo, então ela impede o movimento, vai puxando. Então, eu tive que tirar pele de onde eu 'fiz a cesárea' pra poder colocar aqui (região da axila) pra poder levantar o braço porque só levantava até aqui .(o braço não levantava completamente). Aí fisioterapia direto, direto pra poder voltar os movimentos e tal. E o médico dizia: - Minha filha, você é uma guerreira mesmo, porque muita gente não consegue voltar aos movimentos normais.</p>
Entrevistador	Quantos por cento tu queimou? Porque tem região ai que conta oito nove por cento né? Tu sabe quantos por cento de área queimada?

Entrevistado	O meu, ele calculou 33%
Entrevistador	Aham.
Entrevistado	Né? De área queimada. Teria sido 50% se tivesse queimado a frente, mas como queimou só as costas, membros superiores, não queimei membro inferior, nem na frente e nem o resto.
Entrevistador	O braço direito todo.
Entrevistado	É. O esquerdo até aqui (o braço), queimou o ombro e as costas 'até aqui' (trapézio, região das escapulas até pouco abaixo da linha da cintura). Ai eu tirei pele da perna.
Entrevistador	Da perna, tinha pele pra dar. Porque, olha o tamanho das pernas!
Entrevistado	É! hahaham. Ai tirei uma vez dessa.
Entrevistador	Ah.
Entrevistado	E uma vez da outra perna.
Entrevistador	Deixa eu ver aqui... Noventa por cento do que eu ia perguntar tu, tu respondeu.
Entrevistado	Sim, aí depois eu fiquei fazendo fisioterapia. Aí ficou uma ferida aberta, aí pra não perder os movimentos depois que eu fiz a 'liberação da axila', comecei. Aí eu dizia que quando 'eu começar os movimentos' eu vou voltar (a jogar) Ai o pessoal cobrando pra eu voltar treinar. Era o tempo todo. Ai quando eu voltei, já tava tendo negócio de campeonato de praia, ai o pessoal todo empolgado. -V. veio! Fizeram a maior festa pra eu voltar a jogar.
Entrevistador	E onde 'ele t'a?
Entrevistado	Ele 'ta' foragido. É.
Entrevistador	Ele é foragido?!
Entrevistado	Ele é foragido. Ele. Tudo indica que ele esteja em SP.
Entrevistador	Aham.
Entrevistado	Porque ele tem família lá. A família dele aqui é muito influente, ele é da família de (Nome de um político) a mulher dele (o político) é prima legítima dele. Foi preso duas vezes só que o mandato de prisão dele não tinha saído ai teve que soltar. Tu acredita? O povo diz: -Verusca, porque tu não botasse no linha direta. Eu digo: -Graças a Deus. Porque só aparece no linha direta quem morreu. Não é?
Entrevistador	É verdade. [...] Qual era a sua sensação durante o tratamento? Se você ficava triste, se quando ficava, ficava pensando mais em se recuperar?
Entrevistado	Era assim. Quando você vai vendo, assim, alguma melhora. Você tem aquela coisa, tem os altos e baixos. Tem hora que você fica meio depressiva. No tratamento, tem hora que você fica depressiva, tem hora que da aquela... Mas como meu tratamento, ele 'requeria que eu não podia ficar depressiva', porque tudo era assim: Se você ficar depressiva você morre! Tudo era assim sabe. Aí eu ficava o tempo todinho maior alto astral, eu queria lá morrer? Eu tinha esse 'tamanho de gente' (se refere à

	filha) pra criar. Era assim eu só agüentei porque eu tinha ela, se eu não tivesse.
Entrevistador	É o que dá motivação né?
Entrevistado	É, porque menina é dor demais. É assim... é dor que eu pensei que um ser humano, 'num, num' pudesse aguentar. Ai eu pedi pra levarem pra o hospital fotos dela, porque quando dava 'aquele negócio' eu olhava pra a foto e dizia não, não. Mas tem hora que você pede pra morrer.
Entrevistador	Ela tinha quantos anos?
Entrevistado	Um.
Entrevistador	Um aninho. Não chegou nem a vê-la enquanto tava internada?
Entrevistado	Não, não. Só no último dia que eu fui sair que levaram ela. Ela olhou assim pra mim. E eu totalmente diferente.
Entrevistador	Sem entender nada.
Entrevistado	O cabelo, meu cabelo era assim como o dela (encaracolado) sendo bem preto.
Entrevistador	Uhum.
Entrevistado	Ai queimou né, fiquei com o cabelo curto. Ficou todo doido. E magra. Sei lá parecendo uma aidética. Quando ela olhou pra mim assim, como quem diz: - Mamãe, você tava aqui esse tempo todo! Ave Maria. 'Mainha nem' viu quando ela começou a andar na casa da minha tia.
Entrevistador	Ahh! Foi?
Entrevistado	Foi quando eu tava no hospital. Eu nem vi ela começando a andar. Eu só ouvia o pessoal me dizendo as coisas. Ah ela começou a andar.
Entrevistador	Quanto tempo você voltou a suas atividades cotidianas? Trabalhar, praticar esportes...
Entrevistado	Com dez meses.
Entrevistador	Você voltou a sua rotina esportiva? Como? Você tinha vontade de voltar a praticar esporte, foi pelo pessoal chamando ou você tinha vontade de praticar esportes de novo?
Entrevistado	Foi assim: Um dos médicos disse que eu ia ficar com uma limitação no braço, que eu não ia conseguir voltar 100%. Aí eu disse: -O que? Meu filho pra mim não tem essa história 'de não', não. Na minha cartilha não existe Não.
Entrevistador	Aham.
Entrevistado	Aí ele disse: -Que bom que você pensa assim, mas eu tenho que lhe falar a realidade. (Ela responde) - Pois você vai ver que eu vou voltar aos 100% E vou vir aqui e vou mostrar a você que eu vou voltar a jogar e a fazer tudo o que eu fazia. Fui até depois falar com ele, foi Dr. D. que falou isso, porque eu passei muito tempo com o braço preso né? Aí ele ficava com medo de ter interferido na parte da musculatura.
Entrevistador	Você usa alguma proteção pra jogar ou não precisa mais?
Entrevistado	Não. Quando é no Sol eu uso. Porque a pele fica sensível

	a câncer de pele né? Mas pode bater que ta normal. A pele fica igual à pele de bebê.
Entrevistador	Uhum.
Entrevistado	Aí o médico recomenda que eu use proteção pra ir 'pro' Sol.
Entrevistador	Aham.
Entrevistado	Aí quando eu vou jogar de quadra (handebol) eu não uso proteção não.
Entrevistador	Você se sentiu bem recebida na volta aos treinos e competições?
Entrevistado	Ah! Demais.
Entrevistador	Tava em casa?
Entrevistado	Era.
Entrevistador	O grupo esportivo deu apoio a volta?
Entrevistado	Com certeza. Ficavam direto me chamando sabe e até diziam: - A gente precisa de você! Sabe? Ficavam direto me chamando, chamando. E eu fiquei assim pela a questão do que tinha acontecido comigo e pelo nível delas porque lá não 'tem boquinha não'. Porque assim, eu podia ficar não eu to me recuperando, ficar pensando que eu ia voltar a jogar porque eles tinham pena de mim, mas não. Aí é que meu treinador cobrava pra... Pra eu me empenhar dobrado e me recuperar.
Entrevistador	O esporte ajudou a recuperar sua autoestima?
Entrevistado	Ajudou.
Entrevistador	Hum. Qual o papel do esporte na sua recuperação?
Entrevistado	Ajudou muito assim, nas questão de que por eu gostar de jogar handebol até facilitou. Porque é diferente do que aquela coisa de quando você ta fazendo fisioterapia que é aquela coisa. É uma depressão, porque é aquela coisa bem...
Entrevistador	Monótona 'né'?
Entrevistado	É demais. As horas passam bem devagar. E no handebol não. Por eu sentir prazer então acelerou o meu processo de recuperação. Porque nos treinos eu ficava me forçando mais. Tipo assim, eu passei muito tempo com a brida, esse braço, então eu perdi um pouco da força. Eu forcei muito o esquerdo e jogo eu consigo jogar com as duas mãos assim. Na quadra eu ficava até me superando. Eu pegava aquela bola 'medicine bol' e começava a me exercitar pra voltar a ter força.
Entrevistador	Isso já treinando?
Entrevistado	Já treinando. Porque era aquela questão você tem que tentar pegar algum peso pra recuperar os movimentos. "Levante um quilo de feijão em casa. Negócio de um quilo de feijão!" Mas eu nem ligava. E quando eu tava jogando handebol não. Eu queria melhorar pra jogar melhor né? Se ta associado ao prazer né? É bem mais gratificante do que você estar fazendo por obrigação.

Entrevistador	O que lhe fortaleceu no seu processo de recuperação? Que lhe deu motivação? A 'boneca' (a filha) vem primeiro? A família?
Entrevistado	Primeiro, primeiro minha filha né. Primeiro foi ela. E depois, assim por eu gostar muito de handebol. Eu jogo handebol desde pequenininha. Hoje em dia. Eu fiquei assim no começo com vergonha. Aí até as meninas do handebol: Deixa de frescura menina, não sei que, não sei que, não sei que. Aí eu comecei a ver e também por você ter convivência com pessoas que gostam de você, aí você começa a voltar a sua vida normal Não esquece, nem tem como, mas você vive normalmente. Eu namoro, eu jogo, eu trabalho, eu tenho a minha filha. 'Tô'... Tô tranqüila.
Entrevistador	E como você se sente hoje? Se 'ta' namorando nem vou perguntar, porque eu já sei que 'ta', mas psicologicamente falando, 100% recuperada?
Entrevistado	Hoje em dia. Eu fiquei assim, no começo assim, com vergonha. Aí até as meninas mais novas (da equipe de handebol): - Deixa de 'frescura' menina, 'não sei que, não sei que, não sei que'. Aí eu comecei a ver e também por você ter convivência com pessoas que gostam de você aí você começa a voltar a sua vida normal, a sua autoestima. Não esquece, mas você vive normalmente. Tranqüila.

Apêndice B - Termo De Consentimento Livre Esclarecido

Termo De Consentimento Livre E Esclarecido

Prezado (a) Senhor (a):

Esta pesquisa é sobre a promoção da resiliência através da prática esportiva e está sendo desenvolvida por Luanda de Oliveira Galdino, aluna do Curso de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do professor Rogério Márcio Luckwu dos Santos.

Os objetivos do estudo são descrever o restabelecimento dos padrões adaptados de normalidade em um indivíduo resiliente através da prática esportiva.

A finalidade deste trabalho é caracterizar o ambiente esportivo como propiciador de fatores de proteção inerente ao resiliente.

Solicitamos a sua colaboração para responder a entrevista sobre resiliência, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no trabalho de conclusão de curso. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

Assinatura da Testemunha

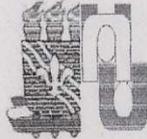
Contato com a Pesquisadora Responsável: Luanda de Oliveira Galdino
Telefone: (083) 8804-5641

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Anexo

Anexo A - Certidão



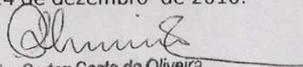
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA - UFPB
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY - HULW
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS - CEP

CERTIDÃO

Com base na Resolução nº 196/96 do CNS/MS que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley - CEP/HULW, da Universidade Federal da Paraíba, em sua sessão realizada no dia 14/12/2010, após análise do parecer do relator, resolveu considerar **APROVADO** o projeto de pesquisa intitulado **A PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA PRÁTICA ESPORTIVA: um estudo de caso.** Protocolo CEP/HULW nº. 805/10, Folha de Rosto nº 392967, dos pesquisadores **LUANDA DE OLIVEIRA GALDINO e Prof^ª. Ms. ROGERIO MÁRCIO LOCKWU DOS SANTOS (orientador).**

Ao final da pesquisa, solicitamos enviar ao CEP/HULW, uma cópia desta certidão e da pesquisa, em CD, para emissão da certidão para publicação científica.

João Pessoa, 14 de dezembro de 2010.


Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora do Comitê de Ética
em Pesquisa - CEP/HULW

Prof^ª Dr^ª Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa-HULW

Endereço: Hospital Universitário Lauro Wanderley-HULW - 4º andar. Campus I - Cidade Universitária.
Bairro: Castelo Branco - João Pessoa - PB. CEP: 58051-900 CNPJ: 24098477/007-05
Fone: (83) 32167302 — Fone/fax: (083)32167522 E-mail - cepulw@hotmail.com